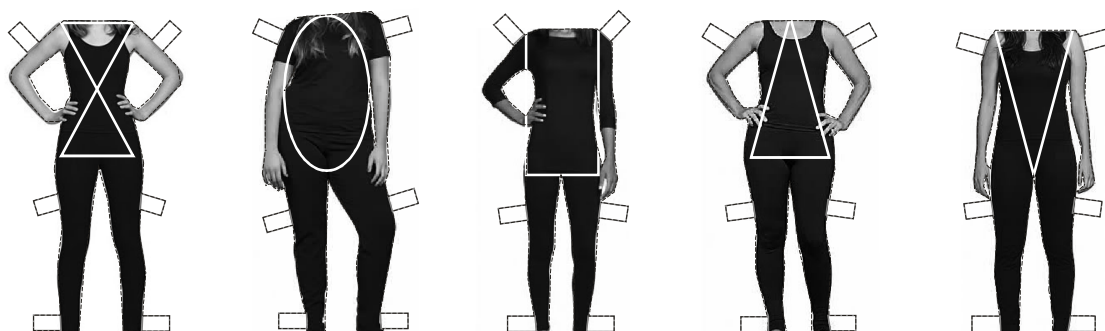


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEOS DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

LIEGE MONIQUE FILGUEIRAS DA SILVA

Corpo e Beleza

Uma análise das produções da Educação Física, em nível de mestrado



NATAL – RN
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEOS DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

LIEGE MONIQUE FILGUEIRAS DA SILVA

Corpo e Beleza

Uma análise das produções da Educação Física, em nível de
mestrado

NATAL – RN
2011

LIEGE MONIQUE FILGUEIRAS DA SILVA

Corpo e Beleza

Uma análise das produções da Educação Física, em nível de
mestrado

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Linha de Pesquisa Estratégias do Pensamento e Produção do Conhecimento, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Karenine de Oliveira Porpino.

Natal – RN
2011

LIEGE MONIQUE FILGUEIRAS DA SILVA

Corpo e Beleza

Uma análise das produções da Educação Física, em nível de
mestrado

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Linha de Pesquisa Estratégias do Pensamento e Produção do Conhecimento, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Karenine de Oliveira Porpino – UFRN (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Terezinha Petrucia da Nóbrega – UFRN (Examinadora interna)

Prof. Dr. Carlos José Martins – UNESP/Rio Claro (Examinador externo)

Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Brandão de Souza Mendes – UFRN (Suplente)

Àquela com quem pude compartilhar a beleza desta escrita, toda a minha gratidão e reconhecimento, pelo acolhimento, confiança e incentivo. Dedico a você, karenine, que, antes da ajuda intelectual, sua sensibilidade, carinho e modo de ser foram o meu maior instrumento de ajuda durante todos esses anos.

“Ao quebrar o silêncio a linguagem realiza o que o silêncio pretendia e não conseguiu obter.”

Maurice Merleau-Ponty.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, quando sou levada a refletir um pouco mais sobre os caminhos percorridos ao longo desses 2 anos, muitas lembranças chegam até mim. Entre elas, pessoas importantes que conheci, professores admiráveis com quem convivi, momentos que me marcaram, dentre tantas outras considerações possíveis que florescem na escrita dessas linhas.

Nesse sentido, como forma de agradecer a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, tomo a liberdade de citar algumas pessoas, sem as quais eu não teria chegado até aqui.

Começo agradecendo a Deus, cujo amor e fidelidade não têm fim, é incomparável! Tudo vem Dele e das Suas próprias mãos Lhe damos. A Ele toda Honra e toda Glória, pelas fortes mãos protetoras, carregando-me e sustentando-me em todos os momentos.

Ao meu pai, Luiz Silva, por todo investimento, apoio e carinho em todo o tempo, sem nada pedir em troca. Sua força e bravura diante da vida inspiram meu existir. À minha mãe, Rosário Sena, cuja fé me ensina a viver. Obrigada pelo cuidado e amor acima de qualquer medida. Suas palavras de incentivo contagiam meu coração e iluminam meu caminhar. Amo-os!

Aos meus familiares, em especial meu sobrinho Fellipe, minha prima Rosângela e meu irmão Sérgio, pela ternura sempre manifestada nos abraços e sorrisos que me são tão necessários. Obrigada por existirem!

A Karenine, obrigada pela confiança, incentivo e carinho em cada conversa. Você sem dúvida foi uma grande orientadora não apenas nesta escrita, mas também na vida. Obrigada pelo privilégio de conviver com você. Certamente, se a pessoa a olha como professora, ela a segue; E, se a olha como humano, ela a admira. Portanto, coloco-me entre os seguidores e admiradores, que, entre outras coisas, apreciam-na com muito carinho.

Aos professores leitores, Prof^a. Petrucia Nóbrega, pessoa comprometida com o ensino e com a Educação Física. Grande é minha admiração por você. Obrigada por ter suscitado em mim, ainda no início da graduação, o gosto pela vida acadêmica, pelo universo da pesquisa, por ter me acessado o sabor

que os livros possuem e pelas contribuições desveladoras no seminário de dissertação. Certamente, você faz parte desta escrita. Ao Profº. Carlos José Martins, pela disponibilidade em compartilhar comigo esta escrita. Sinto-me privilegiada.

Aos professores José Pereira de Melo e Larissa Tibúrcio, pela valiosa contribuição e inspiração na minha formação, desde a graduação. E a Isabel Mendes, pelas palavras de incentivo e ensinamentos tão significativos durante a docência assistida e no seminário de dissertação. Muito Obrigada! Esta escrita também tem muito de cada um de vocês.

Ao GEPEC, pelo acesso à leitura diversa e pela oportunidade de participar das valiosas reuniões tão significativas na minha formação e tão necessárias para a elaboração deste estudo.

A Analwik, Augusto, Janaína, Marciel, Lúcia, Rosie Marie, Silvaneide, pessoas singulares, que se fizeram presentes nesta caminhada, de perto e de longe, encorajando-me quando pensava que não chegaria até aqui. Obrigada sempre!

Aos autores das dissertações analisadas, meus parceiros involuntários de escrita, a quem tomei emprestadas suas reflexões para serem discutidas nesta dissertação. E por terem gentilmente disponibilizado seus trabalhos quando não os encontrei nos bancos digitais. Sem essa colaboração, a pesquisa não teria acontecido.

Ao programa de Pós-graduação em Educação, alunos, funcionários e professores, pelo compromisso, credibilidade e seriedade na formação de mestres, doutores, pesquisadores.

À Capes, pela bolsa de estudo concedida a mim durante o período de realização deste trabalho.

A Silvaneide, Cris e Fernanda, pelo brilhante serviço profissional na revisão de português, arte do trabalho e normalização do texto, respectivamente.

Enfim, a todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Falar em corpo e beleza parece algo bastante familiar à Educação Física. Compreendemos que a linguagem do corpo na área possibilita sentidos e significados diversos sobre a aparência, a beleza e a estética, exigindo, portanto, a necessidade da crítica e a necessidade de interrogá-la para percebermos o modo como a Educação Física vem sendo ressignificada. Para tanto, partindo da multiplicidade de sentidos que envolvem o corpo e a beleza, buscamos as implicações que essa discussão traz para área da Educação Física, analisando a concepção de corpo e beleza na produção acadêmica dessa área, em nível de mestrado, a partir de alguns questionamentos: Quais concepções de corpo e beleza têm sido discutidas na produção acadêmica da Educação Física em nível de mestrado? Qual a relação entre os significados do corpo e da beleza identificados nas produções analisadas e os modelos de beleza delineados historicamente na Educação Física? Compreendemos a relevância desta pesquisa e sua contribuição epistemológica ao analisar os estudos já existentes. E, principalmente, porque há uma ausência de estudos que discutam essas produções. Para edificação deste texto e para nossas reflexões, nos apoiamos em pensamentos como os de David Le Breton, Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Maurice Merleau-Ponty, Ana Márcia Silva, Carmem Soares, Isabel Mendes, Karenine Porpino e Petrucia Nóbrega. O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977) para tratamento dos dados. O corpus de análise foi composto por 8 dissertações da área de Educação Física, publicadas no Banco de Teses da Capes no período de 2004 a 2008, selecionados a partir da temática *corpo e beleza*. A leitura flutuante permitiu-nos selecionar unidades significativas e pautar nossas discussões em 2 eixos temáticos, os quais compõem os 2 capítulos do trabalho. No primeiro capítulo, intitulado *Corpo, Beleza e Cultura*, são evidenciadas as compreensões de corpo, natureza e cultura, que estão presentes nos trabalhos dissertativos. No segundo capítulo, *Padrão Corporal e Transformações da beleza*, apresentam-se as concepções de corpo e de beleza encontradas nas dissertações, com enfoque na mutabilidade das representações dos modelos de beleza, nas singularidades corporais, nas relações de poder-saber e na importância dada ao corpo na sociedade, sobretudo, no que se refere aos profissionais de Educação Física. Constatamos, assim, que, considerando as dissertações analisadas, a compreensão de corpo e de beleza vem sendo ressignificada, ao tratar de outras concepções estéticas, que consideram as singularidades expressas no corpo humano e na cultura da qual o indivíduo faz parte.

Palavras-chave: Corpo. Beleza. Estética. Cultura. Educação Física.

ABSTRACT

Talking about body and beauty seems fairly familiar to physical education. We understand that the body language in the area provides many meanings over the appearance, beauty and aesthetics, thus requiring the need of criticism and the need to interrogate her to realize how physical education has been re-signified. For this purpose, considering the multiplicity of meanings that surround the body and beauty, we discussed the implications that this brings to the area of Physical Education, analyzing the conception of body and beauty in the studies in this area, at the masters level, from some questions: What conceptions of body and beauty have been discussed in the studies of physical education at the masters level? What is the relationship between the meanings of body and beauty products analyzed and identified in the models of beauty outlined historically in Physical Education? We understand the importance of this research and its contribution to the epistemological analysis of existing studies. And, mainly because there is a lack of studies that discuss these productions. For construction of this text and for our reflections, we rely on thoughts like David Le Breton, Claude Levi-Strauss, Michel Foucault, Maurice Merleau-Ponty, Ana Marcia Silva, Carmen Smith, Isabel Mendes, Karenin Porpino Nobrega and flounder. The present study is characterized as a qualitative research, and content analysis proposed by Laurence Bardin (1977) for data processing. The corpus was composed of eight essays in the area of Physical Education, published in the CAPES Theses Database for the period 2004 to 2008, selected from the subject and body beauty. The initial reading allowed us to select meaningful units and guide our discussions on two main themes, which make up the two chapters of the work. In the first chapter, entitled Body, beauty and culture, as evidenced understandings of body, nature and culture that are present in the work is considered. In the second chapter, Standard Body Transformations and beauty, we present the concepts of body and beauty found in the dissertation, focusing on the mutability of representations of the models of beauty in body singularities in the relations of power-knowledge and the importance given the body in society, especially with regard to physical education professionals. We have thus found that, considering the dissertations analyzed, the understanding of body and beauty has been re-signified, when dealing with other aesthetic conceptions that consider the uniqueness expressed in the human body and the culture of which the individual belongs.

Key words: Body, Beauty, Aesthetics, Culture, Physical Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 Dina Sanichar, encontrado em 1867 na companhia de lobos.....	68
Imagem 02 Andando pela floresta.....	70
Imagem 03 Caminhando em quatro apoios.....	70
Imagem 04 Hábitos semelhantes aos dos lupinos.....	70
Imagem 05 Prostadas no chão.....	70
Imagem 06 Comendo e bebendo como animais.....	70
Imagem 07 Alimentos, carne crua ou podre.....	70
Imagem 08 O acrobata. Pintura de Pablo Picasso (1881-1973).....	101

SUMÁRIO

1 – À procura do corpo e da beleza	14
1.1. Introdução -----	15
1.2. Percurso metodológico -----	31
1.3. Corpus de análise -----	37
2 – Corpo, Beleza e Cultura	44
3 – Padrão Corporal e Transformações da Beleza	76
4 – Reflexões Finais: o corpo e a beleza na Educação Física	104
5 – Referências	113
6 – Produção analisada	121
7 – Anexos	123

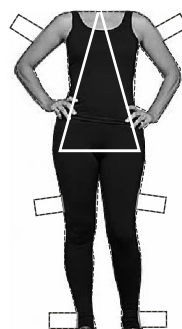
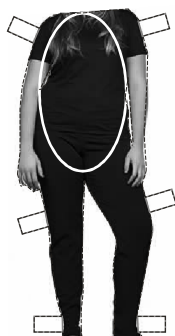
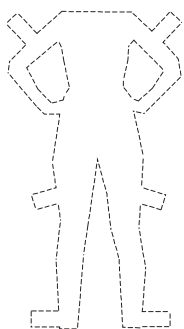
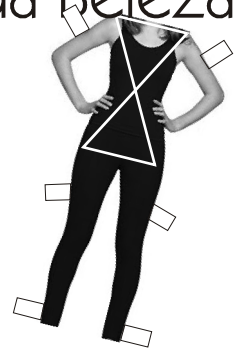
“O que tento lhe traduzir é mais misterioso, se enreda nas raízes mesmas do ser, na fonte impalpável das sensações.”

J. Gasquet, Cézanne.

“Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente.”

Maurice Merleau-Ponty.

À Procura do Corpo e da Beleza



Introdução

Escrever as linhas que seguem, construindo nessa trajetória esta dissertação, não significa apenas a escrita de um trabalho acadêmico. Elas revelam um mundo de convicções, sentimentos, paixões, transformações, palavras, memórias e trajetória de uma vida.

Discorrer sobre minhas concepções passadas e, sobretudo, recuperar as representações de beleza abrigadas em meu corpo constitui-se de encontros e desencontros, passos e contrapassos, sentidos e intenções, de uma história que não é apenas de um tempo, nem tampouco, uma história de um percurso individual de vida, mas de entrelaçamentos que estão envoltos em um contexto sociocultural mais amplo. Em outras palavras:

A história particular de cada um de nós se entrelaça numa história mais envolvente da nossa coletividade. É assim que é importante ressaltar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas realizadas com outras pessoas ou com as situações culturais. (SEVERINO, 2000, p. 175-176).

Apelo ao passado para melhor compreender o presente, os caminhos tecidos em um tempo que se move, que recria desejos, descortina sentidos e desdobra novos significados de uma história ainda inacabada.

Relembrar o passado a partir de um olhar do presente é garimpar memórias, vasculhando os rastros deixados, a fim de buscar as vozes esquecidas e as palavras silenciadas. É olhar com atenção para os detalhes, para os pormenores, na ânsia de encontrar vestígios, debruçando-me e construindo fontes de um tempo passado, porém presentificado na materialidade do meu corpo. E, embora esse passado tenha sido reconstruído e remodificado, regressa em uma longa viagem que, entre outras coisas, mescla confissão e reflexão.

Nesse sentido, recupero minhas reminiscências, indo ao encontro de minhas histórias, extraindo delas o que de fato me aproximou da temática *corpo e beleza*. Nessa busca, nas discontinuidades e enlaces que foram construindo as minhas inquietações, há um misto de palavras e silêncios, de imagens e conceitos, um sentido que é meu, individual; e também é social, porque está envolto pela cultura que vivo e escrevo. Nesse sentido, ao falar da dimensão orgânica e simbólica enquanto unidade da condição humana, Le Breton (2009) amplia nosso pensamento afirmando que:

Meu corpo é meu por carregar traços de minha história pessoal, de uma sensibilidade que é minha, mas contém igualmente uma dimensão que em parte me escapa, remetendo aos simbolismos que conferem substância ao elo social, sem os quais eu não seria. (LE BRETON, 2009, p. 37).

Nesse contexto, como arquivo vivo, recordo que, inicialmente, na adolescência, as bonecas que eu possuía, as artistas que admirava e desenhos a que assistia reportavam-me, em sua maioria, ao corpo esbelto, longilíneo, com curvas acentuadas, musculatura definida e pele clara, diferentemente de minha estrutura corporal: baixa estatura, corpo atlético e pele escura.

Embora reconheça que nem sempre o ser humano se redime às exigências de beleza edificadas na sociedade, como nos afirma Foucault (2002) ao abordar sobre os efeitos do poder sobre o corpo: onde há poder, há resistência. Contraditoriamente, percebo que fui capturada pelas exigências do poder social, em que a magreza, as curvas acentuadas e o corpo enxuto exerciam um domínio sobre mim, não me deixando imune à preocupação, à manutenção dos contornos do corpo e à capacidade de mantê-lo “em forma”.

Essas inquietações e a busca pela beleza levaram-me, ainda nesse período, a intervenções radicais para enquadrar-me no padrão de beleza vigente na sociedade, entre elas, dietas, laxantes, chás, remédios

emagrecedores, dentre outras. Eram maneiras que eu considerava para obter o corpo “belo”.

Posteriormente, minha vivência como atleta profissional me levava a uma busca dos referenciais de performance do esporte. No início da carreira esportiva, não pensava em praticar uma modalidade para atingir o padrão corporal, e sim satisfazer-me em sua prática. Entretanto, com os treinamentos, percebi que as formas corporais foram se modificando, conotando uma forma física enxuta e definida.

Desse modo, além da performance que me era solicitada, o esporte passou a ser um espaço profícuo para adequação do meu corpo conforme os modelos de beleza veiculados em nossa sociedade.

No esporte, meu conhecimento acerca do corpo restringia-se ao alto rendimento, ao sacrifício corporal, à aquisição de títulos, à repetição de técnicas padronizadas, movimentos mecanizados e gestos eficientes, como afirma Bracht (2003, p. 46), “[...] o esporte como uma instituição ‘disciplinadora’ do corpo.” Contudo, mesmo com o seu caráter rígido e disciplinado, eu sentia e vivenciava o esporte como uma forma de reconhecer meu corpo, meus limites e possibilidades.

Em outro momento, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física, na UFRN, no ano de 2004. Lembro que a escolha por esse curso foi despertada especialmente pelo meu envolvimento esportivo e com o objetivo de trabalhar na área do *fitness*. Recordo que ser estudante de Educação Física suscitava em mim uma representação e imagem de um modelo de corpo, ao qual o profissional da área deveria enquadrar-se.

Sobre isso, Palma e Assis (2005), ao identificarem as razões que conduzem os professores de Educação Física a fazerem uso de substâncias químicas para manterem o corpo sempre “em forma”, identificam que o principal motivo desse uso refere-se, sobretudo, ao fato de o corpo desses profissionais funcionar como uma espécie de “currículo” no mercado.

Nesse contexto, compreendo que igualmente era essa minha preocupação, o corpo enquanto currículo.

Compreendo que, em boa parte de minha trajetória pessoal e acadêmica, a influência do modelo de corpo vigente, a determinação para manter-me sempre esbelta, livre de gorduras e sarada, acompanhavam-me. Vivenciava a beleza como uma promessa de felicidade, como espaço para meus desejos e contemplação de minhas inquietações:

E, a beleza quando tornada uma obrigação, dói. Seja porque não estimula as mulheres a perceber que seu corpo é valioso não pelo que de belo nele se pode observar, mas simplesmente porque elas estão nele. (GOELLNER, 2003, p. 54).

Todavia, a partir de muitas experiências fora da universidade e mais significativamente dentro dela, nas vivências, nos diálogos, nas reflexões, nos estudos e nas leituras, minha compreensão de beleza adquirida de experiências anteriores começou a ser questionada.

Na graduação, as discussões sobre o corpo foram essenciais para que modificações importantes nas relações corpo e beleza ocorressem. Destaco como fundamentais na minha formação algumas disciplinas, tais como Filosofia da Educação Física, Consciência Corporal, Dança, Dança Educacional, Ginástica Rítmica, Atividade Física em Academia e Sociologia do Esporte e das Práticas Corporais, que promoveram para além da reprodução de conhecimento uma ação educacional crítica e reflexiva dentro da universidade, por meio de leituras, reflexões e diálogos das múltiplas relações que envolvem o corpo, a beleza, a estética e a Educação Física. Destaco também professores do curso, como Petrucia Nóbrega, Karenine Porpino, Larissa Tibúrcio, José Pereira de Melo e Jefferson Gomes¹. Docentes que não me levaram à reprodução, e sim

¹ Professor convidado da disciplina Atividade Física em Academia na época em que cursei (2006.1), participando como docente apenas da 3ª unidade.

enriqueceram e ampliaram meus conhecimentos, fazendo-me refletir, descobrir e penetrar pelo novo.

Considero que a influência das disciplinas citadas não se reduz a ementa ou simplesmente a seu objetivo. Concomitantemente a elas, os procedimentos, as condutas e os discursos dos docentes constituíram parte considerável na ampliação dos meus conhecimentos no período de formação.

Desse modo, tenho consciência de que a graduação foi fundamental para uma modificação significativa em minha concepção de beleza, pois até essa experiência, minha compreensão acerca desse fenômeno considerava uma única referência, fortemente atrelada aos modelos de corpo do *fitness* e do mundo esportivo.

Como contraponto a essa concepção, atualmente percebo que a beleza não se reduz a um conceito linear, nem tampouco a um modelo corporal imposto como ideal em uma sociedade, não se colocando em causa a existência que a coisa tem em si mesma, mas um entrelaçamento entre o objeto e o sujeito. Como explica Porpino (2003, p. 155), “[...] a beleza não existe previamente, ela é fruto da reciprocidade entre o sujeito que percebe e a coisa percebida.”

Penso que essa modificação durante a graduação foi possível através de uma influência significativa dos docentes, por meio dos discursos sobre o corpo e suas ações pedagógicas, que geraram pensamentos de busca por outras significações para meu corpo e reflexões sobre os diversos sentidos da beleza.

Sendo assim, na perspectiva de prover contribuições à Educação Física, em trabalho final da licenciatura em Educação Física, com a monografia intitulada *Corpo e Beleza: uma análise das práticas discursivas em estudantes de Educação Física da UFRN*, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Karenine de Oliveira Porpino, investigamos naquele momento as concepções de beleza dos estudantes de Educação Física, percebendo sua construção e possíveis mudanças durante a graduação, partindo de

entrevistas com os concluintes, refletindo sobre seus discursos e buscando outros sentidos para a beleza no contexto da Educação Física. (SILVA, L., 2008).

Essa pesquisa, ao analisar a concepção de beleza dos estudantes de Educação Física, observou que essa concepção, em sua maioria, vai além de um conceito restrito e linear, sendo o ambiente familiar para a maioria o elemento fundamental para a construção dos seus discursos. Detectou-se, também, que os principais elementos e ações citados que contribuíram para uma reflexão nas questões relativas à beleza durante a graduação foram: leituras, diálogos, reflexões e vivências corporais, com apropriações críticas, tendo intensa incidência para as discussões realizadas nas disciplinas Atividade Física em Academia, Ginástica Rítmica e Consciência Corporal. Diante disso, foi possível afirmar que a Educação Física, ao produzir seus discursos nos campos sociais e pedagógicos, para além da vertente biologicista, contribui para outros sentidos e olhares para o corpo e para a beleza. (SILVA, L., 2008).

Naquela oportunidade, pude refletir acerca da indissociabilidade em ter um corpo e ser corpo, admitindo que o corpo é múltiplo de significados e, como tal, uma fonte rica de informações, reflexões e intervenções sociais. Corpo dotado de sentidos, significados e conhecimentos, que, ao se mover, não faz isso apenas mecanicamente, mas em cada movimento encontra sentidos e significados, como acrescenta Nóbrega (2005, p. 68) “[...] todo gesto humano possui uma intencionalidade, uma significação que ao mesmo tempo incorpora e ultrapassa o nível biológico, mecânico, garantindo a originalidade das ações.”

E, ainda, que a concepção de belo, outrora construída a partir dos modelos vigentes em nossa sociedade, como, por exemplo, corpo sarado, com musculatura definida, curvas acentuadas, longilíneo, jovem e sem marcas, foi reconstruída. Com efeito, outras interpretações para a beleza foram criadas, numa perspectiva não-linear, por meio de uma percepção

sensível entre o objeto e o indivíduo, envolvidos simultaneamente nos processos de perceber e ser percebido.

As angústias suscitadas anteriormente transformaram-se em pensamentos, reflexões, perspectivas e inquietações em continuar pesquisando acerca do corpo e da beleza. Não obstante, as leituras do trabalho pela banca examinadora suscitaram questões e sugestões para continuarmos investigando a temática em questão.

Ainda nesse percurso acadêmico, nos últimos anos de graduação, deparo-me dentro da universidade com o Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC)². Encontrei na atividade epistemológica uma ferramenta a mais para me aproximar dos estudos sobre o corpo e da produção do conhecimento. Dessa maneira, compreendo os momentos vivenciados nesse grupo de pesquisa como momentos significativos por ter oportunizado um aprofundamento na compreensão do campo da Educação Física, sobretudo nas relações entre corpo e beleza para além da visão limitada e irrefletida, que de certo modo nos é imposta sem maiores considerações ao longo de nossa vida.

A experiência no GEPEC tem me proporcionado, a partir da leitura de livros, debates e eventos, um conhecimento mais dialógico, que busca resistir aos enquadramentos tradicionais, mantendo a criatividade e liberdade de pensamento. Dentro do grupo, também tive a oportunidade de me aproximar do universo da pesquisa, que me favoreceu um olhar crítico diante do corpo, especialmente a partir de uma aproximação mais atenta com as Ciências Humanas e Sociais, levando-me a enxergar o corpo humano não apenas sob sua condição biológica, mas também como um fenômeno que está entrelaçado aos meios sociais, culturais e históricos, constituindo-se simultaneamente único e plural.

² Criado em 2001, o Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento - GEPEC é vinculado ao Departamento de Educação Física da UFRN, cuja principal finalidade é desenvolver estudos e pesquisas sobre o corpo e a cultura de movimento, numa interface entre Educação, Educação Física e outras áreas de conhecimento. O GEPEC tem focado seus estudos, especialmente, nas questões relativas ao corpo, à estética, à epistemologia e à cultura de movimento.

Nesse contexto, recorrendo ao acervo bibliográfico do GEPEC, cito dissertações e teses produzidas no grupo, defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN, que se aproximam da temática desta dissertação. Entre as dissertações, destaco *A construção do corpo feminino na cultura olímpica* (SILVA, I., 2004), que analisa a aparência e as identidades corporais femininas expressas nos registros históricos dos jogos olímpicos do século XX; *Body art, existência e conhecimento: a percepção do corpo na Educação Física* (MEDEIROS, 2005), que reflete sobre a *body art* como uma técnica que marca o exterior do corpo, exteriorizando a subjetividade, projetando inúmeros sentidos para as transformações corporais na contemporaneidade. E *Beleza e poder na Ginástica Rítmica: reflexões para Educação Física* (CAVALCANTI, 2008), que analisa a constituição da beleza da Ginástica Rítmica, que tem no seu Código de Pontuação um discurso fundante, sendo a beleza formada e transformada por esse discurso e pelas ginastas através das relações de saber-poder.

Com relação às teses, destaco *Corpo e Cultura de Movimento: cenários epistêmicos e Educativos* (MENDES, 2006), que analisa as transformações no conceito de corpo, saúde e educação produzido nos discursos da Educação Física, e *A produção biopolítica do corpo saudável: mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação* (DANTAS, 2007), que questiona os impactos dos agenciamentos do corpo na mídia especializada em saúde, sobre a produção da subjetividade contemporânea.

A investigação inicial das dissertações e teses elaboradas no GEPEC referentes ao corpo e à beleza permite evidenciar que esta temática é retratada a partir de uma perspectiva crítica, que problematiza as discussões do corpo a partir dos vários discursos advindos da cultura, que por vezes reduzem a beleza a padrões vigentes.

Em meio a uma infinidade de discursos sobre a beleza difundidos socialmente, nos mais diversos meios de veiculação de informações,

compreendemos que há também uma circulação de conhecimento sobre o assunto no âmbito universitário.

Isso significa entender que a sociedade, ao construir discursos sobre o corpo e a beleza, constitui-se de espaços de interesses e, como tal, uma possibilidade e instrumento para que seus conhecimentos sejam legitimados dentro da academia³.

Desse modo, a tarefa de nos determos aos discursos do corpo e da beleza, com fins de reflexões para a Educação e a Educação Física, levou-nos a algumas referências no Brasil que versam sobre essa temática, além dos referenciais encontrados no GEPEC⁴.

A partir do levantamento realizado no Banco de Teses da Capes⁵, para localizar publicações que abordassem o tema, percebemos que o interesse pela temática tinha sido recorrente nos últimos anos.

De acordo com o levantamento de dados que realizamos através de pesquisa com o termo *Corpo e Beleza* entre 1998 e 2008, foram encontradas 165 dissertações com a presença do termo em diversas áreas de conhecimento⁶.

Ainda no que se refere a esses trabalhos, cabe destacar que, no referido período, foram encontrados quantitativa e respectivamente 5, 3, 9, 14, 15, 14, 15, 17, 20, 17 e 36 trabalhos de dissertações que abordam a temática *Corpo e Beleza* em suas pesquisas.

³ Consideramos aqui os meios acadêmicos, constituídos por faculdades e universidades, em especial, as pesquisas realizadas nesses estabelecimentos, que em sua condição formativa de prática intelectual articulam os discursos veiculados socialmente à produção científica.

⁴ Grupo de pesquisa citado anteriormente.

⁵ O Banco de Tese da Capes é um site (<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>) de ferramentas de busca e consulta disponibilizada na internet, que visa facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país (Brasil) a partir de 1987. A ferramenta permite a pesquisa por autor, assunto e instituição, e as informações são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação.

⁶ Identificamos que as pesquisas são realizadas em diversas áreas, como Comunicação, Letras e Linguística, Sociologia, Saúde Coletiva, Antropologia, História, Artes e Artes Visuais, Ciências da Saúde, Gerontologia, Ciências Sociais, Design, Direito, Teatro, Odontologia, Ciências da Religião, Literatura, Administração, Filosofia, Teologia, Geologia, Geociências, Matemática, Arquitetura, Economia, Geografia, Enfermagem, Psiquiatria, Ecologia, Serviço Social, Ciências Humanas, Clínica Médica, Educação, Psicologia e Educação Física.

Diante disso, podemos observar que houve um acréscimo com o passar dos anos, sobretudo um aumento acentuado das produções no ano de 2008. Esses dados mostram, como já mencionado, que, além de o discurso em torno do tema ser frequente nos trabalhos de dissertações publicados no referido período, é inegável a pluralidade epistemológica das pesquisas acerca da temática. O que nos faz entender que este é um tema interdisciplinar, abordado por várias áreas de conhecimento, formas diversas de perceber o corpo, permitindo evidenciar diferentes horizontes para sua compreensão a partir da concepção de beleza.

Diante desse levantamento e partindo da multiplicidade de sentidos que envolvem o corpo e a beleza, buscamos as implicações que essa discussão traz para a área da Educação Física a partir de alguns questionamentos: Quais concepções de corpo e beleza têm sido discutidas na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado? Qual a relação entre os significados do corpo e da beleza identificados nas produções analisadas e os modelos de beleza delineados historicamente na Educação Física?

Imersos nesses questionamentos, temos como objetivos dessa investigação: identificar e analisar as concepções de corpo e de beleza na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado, considerando a frequência dos sentidos encontrados; discutir sobre os significados do corpo e da beleza encontrados nas dissertações defendidas na Educação Física e a relação que estabelecem com o pensamento sobre corpo e beleza delineados historicamente nessa área de conhecimento.

Entendemos que essa pesquisa mostra-se necessária, devido à grande recorrência na produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza. E, principalmente, porque há uma ausência de estudos que discutem as produções científicas já existentes em nível de mestrado. Assim, confirma-se a importância que essa proposta assume, haja vista a beleza necessitar ser continuamente indagada e refletida, especialmente nos espaços de formação e produção do conhecimento.

Entendemos ser significativo refletir as concepções de corpo e de beleza em suas inúmeras possibilidades no campo da Educação Física, pois enquanto área que lida diretamente com o corpo, a partir do diálogo entre diversas áreas de conhecimento, necessitam constantemente de reflexões sobre a forma pela qual a beleza é compreendida e discutida.

Nesse sentido, este estudo, ao contribuir com a Educação Física na identificação e na análise das concepções de corpo e de beleza em sua produção científica, pretende fornecer elementos para reconhecer as transformações, avanços e lacunas ainda enfrentadas sobre o conhecimento do corpo e da beleza na área.

Do mesmo modo, além de fornecer elementos interpretativos através dos quais é possível perceber que concepções de corpo e de beleza têm sido discutidas na produção científica na área de Educação física, contribui para que outros sentidos sejam dados a essa temática.

Para a edificação deste texto e para nossas reflexões, construímos um diálogo com autores de áreas de conhecimentos múltiplos, como Sociologia, Antropologia, Filosofia, Educação e Educação Física, na perspectiva de transversalizar saberes não em compartimentos disciplinares, mas na abrangência que esses pensadores nos fornecem para ampliarmos o pensamento sobre o corpo e a beleza na Educação Física.

A partir disso, destacamos os autores da Sociologia, Antropologia e Filosofia, a saber: Le Breton (2007, 2008, 2009), Lévi-Strauss (1976, 1996), Foucault (1996, 1998, 2002, 2006) e Merleau-Ponty (2004a, 2004b, 2006). E da área da Educação e Educação Física, quais sejam: Silva (2001a, 2001b); Soares (2002a, 2002b, 2007), Mendes (2002, 2006); Porpino (2003, 2006); e Nóbrega (2003, 2005, 2006, 2008).

Esses autores fornecem suporte e bases epistemológicas para nossa análise, para nossas reflexões acerca da temática tratada e, ainda, para o aprendizado de nossa existência humana por meio da relação entre corpo, natureza e cultura.

Desse modo, compreendemos que, embora tais autores possuam suas especificidades de pensamento, apresentam correlações entre si, ao compreender o corpo na inseparabilidade entre o orgânico e o simbólico, corpo vivo situado no mundo da experiência e do seu entorno, ampliando, assim, a possibilidade de apreender o corpo como condição da existência humana.

Carregamos em nosso corpo raízes das manifestações culturais da qual fazemos parte. Construimos ideias, valores, crenças e símbolos que circulam e determinam padrões estabelecidos dentro da sociedade. Nesse sentido, para compreender as concepções de corpo e de beleza, é preciso compreender também as relações históricas e culturais que envolvem os homens.

De acordo com Merleau-Ponty (2004a), o homem não é uma entidade isolada no mundo, mas uma soma de relações e experiências pessoais e coletivas:

Não existe vida 'interior' que não seja como uma primeira experiência de nossas relações com o outro. Nesta situação ambígua na qual somos lançados porque temos um corpo e uma história pessoal e coletiva. (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 50).

De fato, nos constituímos enquanto sujeitos por meio desse contato que se dá com os outros e com o mundo. O homem está no mundo, e o mundo faz parte do homem. E não há como excluir os outros e o mundo de nossa existência, uma vez que há no mundo a necessidade do outro na construção da identidade humana. Diz o filósofo:

Só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros [...] Nosso contato sempre se faz por meio de uma cultura, pelo menos por meio de uma linguagem que recebemos de fora e que nos orienta para o conhecimento de nós mesmos. (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 48-49).

A existência humana não é sem a presença do outro e do nosso entorno. Enquanto seres corpóreos, somos alimentados pelos contatos e pelas trocas que estabelecemos em nosso dia a dia, na experiência do corpo com os objetos, com os outros e com o mundo.

É certo que falar sobre o corpo é algo antigo. Da mesma forma que refletir sobre os padrões de beleza impostos, bem como a beleza enquanto busca constante do ser humano, não é novidade. Como afirma Foucault (2002), no século XX, o corpo enquanto objeto de interesse e investimentos não é algo novo.

Compreendemos que a discussão acerca do corpo e da beleza é bastante corriqueira na atualidade. Como aponta Melo (2009), é comum ouvirmos em eventos da Educação Física que o corpo está inflacionado, fato de que o autor discorda. Concordamos com ele, haja vista as histórias contadas em torno desse fenômeno na área parecerem ser histórias sem corpo, pelo menos o corpo enquanto elemento essencial de nossa existência.

Do mesmo modo, indaga Nóbrega (2008), há muitos escritos sobre o corpo; haveria ainda algo a ser dito? Talvez não, diz ela. No entanto, para a autora, paradoxalmente ainda há a impressão de que falta muito a ser realizado quando se trata de corpo, nas práticas educativas, especialmente como condição existencial.

Diante disso, compreendemos que a Educação Física continua sendo um espaço profícuo em que os sentidos e as concepções do corpo e da beleza vêm sendo discutidos e refletidos. Não obstante, encontra-se o corpo como fonte fecunda de conduzir e reconvocar o homem para além dos conhecimentos objetivistas. Em outras palavras:

No campo do conhecimento do corpo, coloca-se um reexame e reinvestimento dos modelos existentes, como condição para se criar novos materiais ou novos meios de expressão. (NÓBREGA, 2006, p. 67).

Nesse sentido, falar sobre o corpo é trilhar caminhos que já foram percorridos e, portanto, trabalhar em um vasto e arriscado percurso diante das incontáveis formas de abordá-lo. Contudo, dirá Sant'Anna (2006):

Há sempre novas maneiras de conhecer o corpo, assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo. Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. (SANT'ANNA, 2006, p. 3).

Nessa perspectiva, a universidade assume um papel imprescindível. Entre outras coisas, é o espaço de "formação" dos sujeitos e produção do conhecimento, o lugar onde é possível conservar a tradição e ao mesmo tempo inovar e transgredir os padrões. Dialogando com Morin (2004), a universidade é o espaço que:

Conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, de idéias, valores; regenera essa herança ao reexaminá-la, atualizá-la, transmiti-la; gera saberes idéias e valores que passam, então, a fazer da herança. Assim, ela é conservadora, regeneradora, geradora. (MORIN, 2004, p. 81).

A universidade, enquanto lugar de reflexão, crítica, debate, construção e produção de conhecimento, possibilita ao homem o que há de mais grandioso nela, ou seja, pôr o ser humano diante da dúvida, diante de questionamento e de um processo que se constrói pelos erros, pela negação, por rupturas, continuidades e, sobretudo, por conhecimento.

Logo, as produções de conhecimento advindas das universidades, ao transitar entre a cultura social e científica, são capazes de religar os discursos da ciência à sociedade.

Sobre isso, Foucault (1996) assegura que a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos, que se desloca constantemente, construindo verdades. Como ele mesmo esclarece: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Para o autor o discurso é fruto das relações entre as interdições e a apropriação social das falas:

[...] é muito abstrato separar [...] os rituais das palavras, as sociedades de discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais. A maior parte do tempo, eles se ligam uns nos outros e constituem espécies de edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos. (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Dessa maneira, entendemos que a cultura social e científica não representa dois oponentes se enfrentando ou demarcando territórios, eles marcam extremos diferentes, mediante os quais novas falas e ditos são suscitados.

Nesse contexto, dialogando ainda com o autor supracitado (FOUCAULT, 2006), compreendemos que o papel do intelectual não é apenas de corroborar conhecimentos para a sociedade, mas também ser instrumento de saber e ampliação sobre aquilo que é difundido socialmente.

Dessa forma, encontramos nos trabalhos de dissertações um campo empírico de investigação vasto e privilegiado para compreender quais são os conhecimentos abordados na produção científica. É certo que esta não possui uma verdade absoluta e inquestionável, mas busca refletir os saberes que são veiculados na vida social, neste trabalho especificamente na área de Educação Física.

Partindo dessas reflexões, esta pesquisa busca dar continuidade a outras pesquisas que têm como enfoque o corpo e a beleza, contribuindo para o debate e conhecimento epistemológico da área.

Assim, partimos para o nosso percurso metodológico, em que trataremos os caminhos percorridos do nosso trabalho.

Percurso metodológico

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo a Análise de Conteúdo como técnica de tratamento dos dados.

A opção por realizar uma análise de conteúdo qualitativa das dissertações deu-se na intenção de analisarmos as concepções de corpo e de beleza na produção acadêmica da Educação Física, não apenas no sentido de apontar a frequência de uma determinada concepção, mas também de refletir sobre esta, no que se refere às compreensões de corpo e beleza historicamente recorrentes na área.

Dessa maneira, utilizamos a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977) para tratamento dos dados, privilegiando como técnica a proposta de análise temática/categorial, baseada no estabelecimento de categorias e definição de temas-eixos.

Compreendemos que a Análise de Conteúdo encontra-se adequada aos objetivos do presente estudo, na medida em que busca desvendar os sentidos escondidos, o não-aparente, o não dito e significados latentes, que só podem surgir depois de uma observação crítica e criteriosa. Isto é, afastar-se dos perigos da compreensão espontânea, despistando impressões iniciais, desconfiando do que é familiar e, portanto, indo além das aparências. (BARDIN, 1977). Desse modo, esse método de investigação:

Fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este lingüista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religiosos ou leitor profano, para saber mais sobre o texto. (BARDIN, 1977, p. 41).

Nesse contexto, a opção por realizar uma análise de conteúdo deu-se na intenção de constataremos quais concepções de corpo e beleza têm sido discutidas na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado, compreendendo a disparidade de informações e buscando o que nelas existe em comum. A partir disso, foi possível interpretar os significados que emergiram dos trabalhos analisados, possibilitando a sua compreensão com rigor e cuidado.

Bardin (1977) descreve a Análise de Conteúdo a partir de 3 momentos: a *Pré-análise*, a *Exploração do material* e o *Tratamento e interpretação dos resultados obtidos*.

O primeiro é a fase de organização e sistematização inicial, em que se escolhem os documentos e planejam-se as etapas sucessivas a serem desenvolvidas. Esse momento consiste na leitura flutuante do material; na escolha dos documentos; na formulação dos objetivos; na referenciação dos índices e elaboração de indicadores; e na preparação do material. (BARDIN, 1977).

Iniciamos com uma leitura flutuante, em que o pesquisador deixa-se invadir por percepções, ideias e impressões. Dessa maneira, estabelecemos os primeiros contatos com o material a ser analisado, tendo como foco de análise os resumos das dissertações.

Conforme dito anteriormente, fizemos uma busca geral, situados no período de 1998 a 2008, no Banco de Teses da Capes segundo o termo *corpo e beleza*, sendo assinaladas “todas as palavras” como critério de busca para o assunto pesquisado.

A investigação inicial nos mostrou que, após o levantamento geral, considerando uma abordagem quantitativa dos dados obtidos, existem cento e sessenta e cinco (165) dissertações com a presença do termo *corpo e beleza*.

Feito esse levantamento geral e quantificados os dados, priorizamos para a nossa análise e reflexão os trabalhos de dissertação na área de Educação Física. Desse modo, nosso corpus de análise inicial foi

composto por 11 dissertações da área de Educação Física, publicadas no Banco de Teses da Capes, mais especificamente nos anos de 2004 a 2008, selecionadas a partir da temática *corpo e beleza*.

A escolha por analisar os trabalhos dissertativos produzidos na área de Educação Física foi motivada por esta ser minha área de formação, assim como por ser uma das áreas em que se encontra uma maior produção científica sobre a temática, somente ultrapassada pela Educação e pela Psicologia⁷.

Já a escolha por investigar especialmente as dissertações publicadas entre os anos de 2004 e 2008 também teve seu motivo. Este foi determinado por esse período abranger os anos com maior recorrência nas produções. Quanto a isso, os números das produções científicas na área de Educação Física comprovam que há um aumento com o passar do tempo, especialmente nos últimos 5 anos investigados⁸.

Não obstante, a escolha pela temática *corpo e beleza* deu-se na intenção de continuar os meus estudos sobre o tema iniciados na graduação; por esse ser um tema recorrente tanto no meio social quanto nas produções científicas, conforme já dito anteriormente; e, ainda, através dessa temática, termos encontrado trabalhos da área da Educação Física em quantidade e em abordagens significativas para as nossas investigações.

Inicialmente foi realizada também uma busca à temática *corpo e estética*, no entanto percebemos que a maioria dos trabalhos tratava especificamente da dança no campo da Arte enquanto objeto de pesquisa. Logo, como o objetivo desse trabalho era investigar a produção acadêmica da Educação Física, restringimo-nos ao termo de busca *corpo e beleza*.

⁷ No levantamento realizado, houve intensa incidência para as áreas de Educação, Psicologia e Educação Física, com um total respectivamente de 26, 23, 16 dissertações produzidas entre os anos de 1998 a 2008.

⁸ Encontramos nos anos de 1998 a 2008, quantitativa e respectivamente, 2, 1, 0, 1, 0, 1, 2, 4, 2, 1, 2. Com um total de 16 dissertações nos referidos anos na área de Educação Física.

Tivemos inicialmente como foco de análise os resumos das dissertações disponibilizados no Banco de Teses da Capes. Fizemos uma leitura desses resumos para organização e síntese dos dados. Confeccionamos fichas de conteúdo⁹, a fim de sintetizarmos os dados de cada uma das dissertações. Foram destacados nas fichas de conteúdo: título, quantidade de páginas e modo de obtenção; autor e ano; orientador (ar); local e a área de conhecimento; palavras-chaves; biblioteca depositária, cidade e estado; objeto de estudo; método da pesquisa e principais interlocutores.

Feito isso, o passo seguinte foi encontrar as dissertações nas bibliotecas digitais das universidades onde elas estavam depositadas, a saber, UNESP, UNICAMP, UGF E UFRS. Além dos bancos digitais dos programas de pós-graduação em Educação Física dessas universidades, onde os trabalhos foram defendidos.

Nesse percurso, das 11 dissertações previstas para essa investigação só foi possível analisar 8, às quais tivemos acesso. Para encontrá-las, conforme dito, recorreremos inicialmente a bancos e bibliotecas digitais das universidades e dos Programas de pós-graduação em Educação Física, onde obtivemos 4 dissertações. Como apenas alguns trabalhos encontravam-se disponíveis nesse formato, foi preciso recorrer a solicitações através dos e-mails pessoais dos autores, de modo que alguns gentilmente disponibilizaram os seus trabalhos, sendo possível obter mais 4 trabalhos.

Nesse investimento, não conseguimos acessar 3 dissertações. Buscamos o contato com os autores via e-mail e com solicitação de permuta entre a Biblioteca Central Zila Mamede da UFRN e as bibliotecas depositárias das dissertações, entretanto nossas solicitações não foram respondidas, inviabilizando analisá-las.

Depois de acessar as dissertações na íntegra, passamos para a leitura do material disponível e para a elaboração e organização de fichas

⁹ As fichas de conteúdo encontram-se no anexo A deste trabalho, como síntese informativa das dissertações.

de leitura¹⁰, uma para cada oito dissertações do corpus selecionado. Buscamos identificar em cada trabalho, destacando nas fichas de leitura, como as dissertações estavam estruturadas, quais eram as concepções de corpo e de beleza presentes e quais interlocutores foram utilizados na construção dos diálogos sobre corpo e beleza.

O segundo momento, *Exploração do material*, é a fase de análise propriamente dita. Esse momento, de acordo com Bardin (1977), visa transformar os dados brutos do texto, identificando as unidades de registro, que são base necessária à categorização ou eixos temáticos.

As unidades de registro foram extraídas das dissertações no processo de descrição das informações. Nesse sentido, foi possível selecionar citações que continham prescrições diretas ou indiretas que revelavam as concepções de corpo e de beleza, permitindo atingir uma representação mais significativa do material analisado.

A etapa seguinte foi a produção dos núcleos de sentido, para isso elaboramos fichas de análise¹¹, nas quais foi possível agrupar as unidades de registros e os núcleos de sentido pela articulação das reflexões que havia nos trabalhos.

Organizadas as unidades de registros e os núcleos de sentido, passamos à categorização, ou seja, à escolha dos eixos temáticos, identificando o que os trabalhos têm em comum com outros. Assim, agrupamos os núcleos do sentido pela frequência de idéias, compondo as categorias temáticas da pesquisa¹².

Essas categorias temáticas foram criadas a partir das unidades de registros e núcleos de sentidos, percebendo nos trabalhos analisados o que havia em comum, considerando a frequência dos sentidos encontrados no que se refere ao corpo e à beleza.

¹⁰ As fichas de leitura encontram-se no anexo B deste trabalho, em forma de texto.

¹¹ As fichas de análise encontram-se no anexo C deste trabalho.

¹² Esse agrupamento (eixos temáticos) encontra-se no anexo D deste trabalho.

Desse modo, os núcleos de sentidos convergiram em 2 eixos temáticos, a saber: *Corpo, Beleza e Cultura* e *Padrão Corporal e Transformações da Beleza*.

Os eixos temáticos facilitaram e tornaram mais compreensível a análise pretendida, uma vez que foram encontradas diversas intersecções na produção analisada.

Assim, foi possível interpretar e refletir acerca das concepções de corpo e de beleza encontradas nos trabalhos de dissertação da Educação Física, os quais apresentaremos posteriormente no *tratamento e interpretação dos resultados obtidos*.

Esse momento para Bardin (1977) significa tratar os resultados de maneira a serem significados condensando e interpretando as informações fornecidas pela análise.

Dessa forma, foi possível dialogar com os autores, com o intuito de apresentar reflexões das questões relativas ao Corpo e à Beleza, especialmente no que diz respeito ao conhecimento da Educação Física.

É importante salientar que nosso estudo não pretendeu julgar a produção analisada, mas sim buscar elementos que pudessem propiciar a reflexão das concepções de corpo e de beleza que têm sido discutidas cientificamente na Educação Física. Uma reflexão que poderá estar sujeita a transformações, interrogações e novos questionamentos, que são próprios da produção do conhecimento.

Passamos então a contextualizar nosso Corpus de análise como forma de melhor orientar o leitor para a análise temática.

Corpus de Análise

Como já mencionamos, das 11 dissertações previstas para esta investigação, só conseguimos obter para as nossas análises 8 trabalhos. Entendemos que houve dificuldade para conseguir todo o corpus previsto, porque todos não estavam depositados nos bancos digitais.

Compreendemos que, embora esse fato tenha ocorrido em nossa pesquisa, os bancos digitais, ao disponibilizarem os trabalhos defendidos nos programas via internet, além de facilitarem a veiculação do conhecimento científico, permitem que todos tenham acesso aos trabalhos produzidos nas universidades, ampliando, assim, o alcance dos discursos e das reflexões realizadas nas pesquisas acadêmicas.

Sobre as dissertações observamos quantitativamente que, no ano de 2004, há 2 dissertações; em 2005, 3 trabalhos; em 2006, existem 2 trabalhos; em 2007, foi encontrada apenas 1 dissertação; e, em 2008, encontramos 2 trabalhos dissertativos, totalizando 11 dissertações. No entanto, analisamos apenas 8 dissertações¹³, as quais destacamos no quadro 1.

¹³ Ao longo do texto, as referências das dissertações analisadas estão colocadas em notas de rodapé para diferenciar das referências teóricas usadas para nossas reflexões acerca da temática tratada.

Quadro 1 – <i>Corpus</i> de análise das dissertações na área de Educação Física	
Trabalho 1	Com que corpo eu vou? A beleza e a performance na construção do corpo midiático. Autor — Carlos Augusto Mota Calabresi, 2004. UNESP-RIO CLARO/SP.
Trabalho 2	Significado da ginástica para mulheres praticantes em academia: corpo; saúde e envelhecimento. Autora — Rita de Cassia Fernandes, 2004, UNICAMP/SP.
Trabalho 3	Os significados da ginástica em mulheres trabalhadoras assistidas pelo centro de difusão cultural em Juiz de Fora. Autora — Claudia Xavier Correa, 2005, UGF/RJ.
Trabalho 4	As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física: que estética é essa? Autora — Renata Veloso Vasconcelos, 2005, UGF/RJ.
Trabalho 5	O primado da visualidade: a estética como critério de escolha do personal trainer por alunos homossexuais. Autor — Sebastião Carlos Ferreira de Almeida, 2005, UGF/RJ.
Trabalho 6	Beleza feminina: da academia para o trabalho - o padrão atual das mulheres da Rocinha. Autor — Joana Angélica de Pereira Vigne, 2007, UGF/RJ.
Trabalho 7	Marcas da Religião Evangélica na Educação do Corpo Feminino: Implicações para a Educação Física Escolar. Autora — Ana Carolina Capellini Rigoni, 2008, UNICAMP/SP.
Trabalho 8	A perfeição expressa na carne: a EF no projeto eugênico de Renato Kehl — 1917 a 1929. Autor — Andre Luiz Dos Santos Silva, 2008, UFRS/RS.

Esses dados nos fazem compreender que o debate em torno do corpo e da beleza é um tema frequente na área da Educação Física, apresentando a necessidade de interrogar como a área vem pensando esses fenômenos em seus discursos e produção científica.

Um dado importante observado no *Corpus* de análise investigado foi que os trabalhos de dissertação no período analisado concentram-se apenas nas regiões Sul e Sudeste do país, mais especificadamente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Esses dados nos permitem afirmar que há um desequilíbrio regional dos Programas de Pós-graduação na área da Educação Física, e conseqüentemente, uma desigualdade da produção científica da área, havendo a preponderância da região Sul e Sudeste sob as demais regiões do Brasil. Isso porque as dificuldades regionais para consolidação da

pesquisa e da Pós-Graduação "obedecem" a critérios perversos de financiamento, vinculados principalmente à avaliação da Pós-Graduação. Privilegiam-se, assim, os centros de excelência e os programas já consolidados, os quais se concentravam, na grande maioria, na região Sul e Sudeste. (LIMA, et al., 2006).

É importante esclarecer que, mesmo diante das inúmeras dificuldades e problemas enfrentados pelas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, houve um crescimento em relação à implantação dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física em nosso País.

De acordo com Lima et al. (2006), esse incremento possibilitou importantes avanços na Educação Física, como, por exemplo, o aumento no número de programas e consequentemente da produção científica; de doutores atuando nas universidades e centros de pesquisas; de artigos assinados por brasileiros em revistas internacionais indexadas; de menções aos trabalhos nacionais (citações); de Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa, dentre outros. Esses são fatores que vêm fortalecendo essa área de conhecimento.

Ainda no que se refere ao corpus de análise, identificamos que entre as universidades de concentração desses trabalhos, encontram-se as seguintes universidades: Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro (UNESP/RC); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Gama Filho (UGF/RJ) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sobre a concentração dos 8 trabalhos investigados, no que se refere às universidades de concentração, foi possível identificar que em 2004 foi produzida 1 dissertação na UNESP/RC; em 2005, 1 trabalho concentrava-se na UNICAMP e 3 na UGF/RJ; em 2007, 1 dissertação foi produzida na UGF/RJ; e, em 2008, 1 trabalho concentrava-se na UNICAMP e 1 na UFRGS.

Compreendemos que essa concentração deve-se ao fato de essas universidades agruparem áreas de concentração¹⁴ e linhas de pesquisa¹⁵ que estabelecem investigações e reflexões acerca da temática discutida neste trabalho.

Sobre isso, com base nos dados da Capes, além de listar a relação das dissertações presentes nas universidades, cabe destacar também as áreas de concentração e os conceitos¹⁶ das pós-graduações em que os trabalhos dissertativos estavam concentrados, para percebermos como estão estruturados esses programas na Educação Física¹⁷.

Nesse contexto, a UNESP/RC, com o Programa Ciências da Motricidade, conceito 5, tem como área de concentração *Biodinâmica da Motricidade Humana - e Pedagogia da Motricidade Humana*; a UNICAMP, com o Programa Educação Física, conceito 4, tem três áreas de concentração, que são *Educação Física e Sociedade - Atividade Física Adaptada - Biodinâmica do Movimento e Esporte*; a UGF/RJ tem o Programa Educação Física, com conceito 5, e 2 áreas de concentração, sendo elas *Atividade Física e Desempenho Humano - Educação Física e Cultura*; e a UFRGS, com o Programa Ciência do Movimento Humano, conceito 5, tem como área de concentração *Movimento Humano, Cultura e Educação – Educação Movimento Humano, Saúde e Performance*.

¹⁴ De acordo com a CAPES, a Área de Concentração expressa a vocação inicial ou histórica do Programa. Indica, de maneira clara, a área do conhecimento à qual pertence o programa, os contornos gerais de sua especialidade na produção do conhecimento e na formação esperada, estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e utilizados.

¹⁵ De acordo com a CAPES, as Linhas de Pesquisa expressam a especificidade de produção de conhecimento dentro de uma área de concentração e são sustentadas, fundamentalmente, por docentes/pesquisadores do corpo permanente do programa. Portanto as linhas de pesquisa não representam um agregado desconexo, mas expressam um recorte específico e bem delimitado dentro da(s) área(s) de concentração.

¹⁶ De acordo com a CAPES, a classificação dos cursos de pós-graduação é feita por conceitos que podem variar de 1 a 7, reconhecendo os variados desempenhos de cada curso. Os conceitos mais baixos, 1 e 2 (insuficiente) são eliminatórios, não sendo autorizado o funcionamento de cursos com esses conceitos; os conceitos 3 e 4 (regular e bom, respectivamente) são os níveis iniciais. O conceito 5 (muito bom) é a nota máxima atribuída a programas que possuam apenas curso de mestrado. Os programas de níveis mais elevados, de conceitos 6 e 7, são reconhecidos como de desempenho equiparados a cursos internacionais de excelência, na mesma área.

¹⁷ Esses dados foram retirados do portal da CAPES e, de acordo com o site, foram atualizados em 10/01/2011.

Sobre as dissertações analisadas, observamos também que, no que se refere aos métodos de pesquisa utilizados na elaboração dos trabalhos dissertativos, encontram-se a Fenomenologia, História Cultural, Análise de Conteúdo, Análise do Discurso e Etnografia, sendo as 3 últimas as mais recorrentes.

Percebemos que esses métodos de pesquisa utilizados nos trabalhos dissertativos são focos de análises que permitem abarcar reflexões sobre a temática do corpo e da beleza de forma crítica e reflexiva.

Nesse sentido, a Educação Física, ao utilizá-los, deixa de realizar suas pesquisas somente em campo ou em laboratório. Visto que esses procedimentos metodológicos se reduziam ao tratamento e mensuração de dados quantitativos, especialmente no que se refere ao corpo humano. (MENDES, 2006).

De acordo com a autora, ao superar a abordagem empírico-analítica, baseada nas observações, experimentos e comparações que foram fortemente utilizados na área, permitiu que outros métodos de pesquisa para além do laboratório fossem usados no conhecimento sobre o corpo.

Desse modo, a Educação Física possibilita avanços nos discursos sobre o corpo e a beleza não apenas pela mensuração das formas, mas também como condição de existência múltipla, singular e sensível.

Na sequência, apresentaremos os dois capítulos desta dissertação.

Conforme dito, o trabalho encontra-se organizado em 2 capítulos que foram construídos a partir dos dois eixos temáticos referenciados na análise, sendo eles discutidos ao longo de cada capítulo.

No primeiro capítulo, discutimos o primeiro eixo temático, a saber: *Corpo, Beleza e Cultura*. Evidenciamos as compreensões de corpo, natureza e cultura, que estão presentes nos trabalhos dissertativos. Uma concepção que amplia o conhecimento do corpo na área da Educação

Física, ao compreender a existência humana como natureza vivente, de ordem biológica e simbólica simultaneamente.

No segundo capítulo, destacamos o segundo eixo temático, *Padrão Corporal e Transformações da Beleza*. Nele, apresentamos as concepções de corpo e de beleza encontradas nas dissertações, com enfoque para a mutabilidade das representações dos modelos de beleza; as singularidades corporais; as relações de poder-saber e a importância dada ao corpo na sociedade, sobretudo no que se refere aos profissionais de Educação Física.

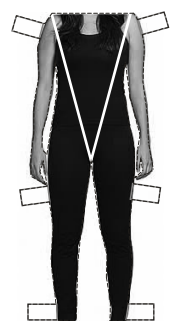
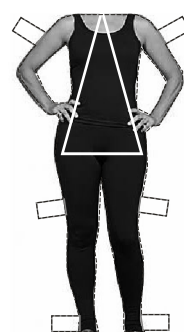
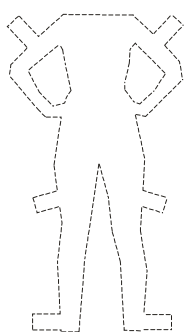
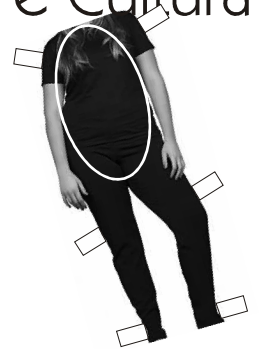
“O corpo é a condição de nossa existência não apenas biológica, mas também social e histórica.”

Petrucia Nóbrega.

“Antes de qualquer coisa, a existência é corporal [...] Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator.”

David Le Breton.

Corpo, Beleza e Cultura



A partir do corpus de análise, é possível configurar argumentos em torno das concepções de corpo e de beleza presentes na produção científica da Educação Física. Considerando isso, destacamos que a área tem discutido o corpo a partir de um diálogo que recusa as dicotomias e os determinismos entre natureza e cultura.

Nesse contexto, apresentaremos nas linhas que seguem essa concepção encontrada, na perspectiva de discutir os fenômenos corpo, natureza e cultura em sua relação com a beleza numa vivência sensível e totalizante do humano.

Sobre o corpo é possível perceber que ele vem sendo tematizado e discutido por diferentes instituições sociais e nas mais diversas formas de cultura, pensamento e conhecimento, como, por exemplo, a Religião, a Ciência, a Arte e a Educação.

Compreendemos o corpo enquanto território da humanidade, emblema da existência e materialidade da vida. Corpo humano como um verdadeiro arquivo vivo e fonte inesgotável de sedução. Ele revela experiências, sentimentos, memórias e movimentos que o constitui enquanto elemento único e coletivo, singular e plural.

Ao ser marcado pelos valores e pelas relações sociais, o corpo é determinado pelo contexto cultural em que está inserido. Sendo assim, é possível pensá-lo numa relação polissêmica e social, portanto cultural.

Embasados nisso, os fundamentos que alicerçam as compreensões de corpo e de beleza de algumas dissertações¹⁸ inserem-se nesse contexto de reflexões, compreendendo o corpo pela sua condição cultural.

Essas dissertações apresentam a cultura como um fator determinante e indispensável para a compreensão do corpo e da beleza, reconhecendo que o indivíduo é marcado pelo contexto cultural em que

¹⁸ Calabresi (2004); Fernandes (2004); Vasconcelos (2005) e Rigoni (2008).

vive: “O corpo e o uso que se faz dele é uma construção cultural dotada de sentidos e significados.”¹⁹

O conhecimento que temos sobre o corpo é marcado, sobretudo, pela nossa trajetória e pelas ideias que vão sendo incorporadas ao longo de nossa vida. Em cada sociedade, há a demarcação de um repertório corporal que traduz sentidos àqueles indivíduos, de modo que o corpo pode ser entendido como uma construção natural, histórica e cultural, conforme o tempo e a sociedade em que vive.

Na produção analisada, é possível perceber em algumas dissertações a compreensão do corpo como lugar de inscrição da cultura, como nas citações que seguem:

Os códigos culturais estão inscritos no corpo, que, por sua vez, sinalizam o conjunto de regras, normas e valores do grupo, fornecendo uma via de acesso à estrutura social.²⁰

Os aparatos de um gesto podem ser mecânicos, anatômicos, mas o que ele representa é simbólico e, portanto, cultural.²¹

Nossas gestualidades mais simples e comuns são dotadas de significados culturais.²²

Nesse sentido, nosso corpo e todas as formas de representação humana são constituídos de preceitos culturais e sociais, o que nos faz entender que o corpo traz os registros da cultura de que faz parte.

As concepções e expressões humanas estão imbricadas de dados culturais. Os sentimentos, as emoções, as concepções de corpo e de

¹⁹ Rigoni (2008, p. 143).

²⁰ Fernandes (2004, p. 53).

²¹ Rigoni (2008, p. 55).

²² Rigoni (2008, p. 118).

beleza, dentre outras manifestações humanas, correspondem às convenções veiculadas pela sociedade.

Le Breton (2009) afirma que nossas sensações mais íntimas, nossas percepções e até os nossos gostos mais elementares, nossa forma corporal e tantas outras características provêm de um meio social e cultural particular. Ao refletir sobre os gestos, o autor explica que, em cada sociedade, há a demarcação de um repertório corporal. Em suas palavras:

Da mesma forma que existe uma língua materna, há uma corporeidade materna, aquela de acordo com a qual o sujeito está mais acostumado a viver sua relação física com o mundo. (LE BRETON, 2009, p. 47).

Segundo ele, tudo no homem faz parte de um sistema de valores que são próprios de um grupo social, aspectos biológicos que se declinam social e culturalmente, implicando na condição humana diferenças tanto coletiva, quanto individual:

De uma sociedade humana a outra, os homens sentem afetivamente os acontecimentos de sua existência por intermédio de diferentes repertórios culturais, os quais, embora por vezes se assemelhem, não são idênticos. (LE BRETON, 2009, p. 9).

Nesse contexto, não podemos definir qual cultura seja “melhor” ou “pior”, “normal” ou “anormal”. É certo que cada sociedade, classe social e cultura possuem compreensões sobre o corpo e a beleza que, não sendo semelhantes, instituem maneiras próprias que vão identificar o povo à sua cultura.

O Antropólogo Lévi-Strauss (1976, 1996), ao rejeitar o relativismo cultural, tece críticas à hierarquização das culturas, afirmando que, apesar de existir uma comunicação entre elas, não se pode dizer qual seja melhor

ou pior. Como esclarece: “[...] as outras sociedades talvez não sejam melhores do que a nossa; mesmo se somos propensos a acreditar, não temos à nossa disposição nenhum método para prová-lo.” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 371).

Não há como assegurar qual cultura seja superior ou inferior; é justamente nas particularidades de cada uma que é possível perceber as singularidades entre elas, sendo os hábitos, os comportamentos, as condutas e os costumes os definidores do modo de vida de um povo.

É possível compreender que a nossa forma de ver e perceber o corpo e a beleza não é decorrente de uma condição inata, mas está pautada em um contexto cultural. Portanto nosso olhar para as coisas e aquilo que chamamos de belo não são somente carregados de dados biológicos, mas também estão pautados em características sociais e culturais das quais o indivíduo faz parte.

Nesse sentido, o conceito de beleza, atrelado à idealização de um determinado padrão corpóreo, enfatizado pelo corpo jovem e com músculos delineados, ao ser promovido em alguns campos de intervenção da Educação Física, como, por exemplo, fitness e academias de musculação, em sua maioria desconsidera a dimensão cultural do homem. Isso porque, ao universalizar a beleza em um único modelo de corpo a ser seguido, além de a constituição genética dos indivíduos não permitir que todos alcancem esse padrão, há uma grande diversidade quanto aos conceitos de beleza no variado universo das culturas.

Entendemos que a Educação Física, durante muito tempo, priorizou o corpo apenas sob o viés biológico, compreendendo-o como objeto a ser disciplinado para o aprimoramento físico, a eficiência e a produtividade. (NÓBREGA, 2005).

De acordo com a autora, observa-se aí que a área estava centrada apenas na parte física do homem, sobretudo nos métodos ginásticos e no esporte de rendimento, sendo o corpo apenas um executor de movimentos.

A partir disso, compreende-se que a visão do corpo na Educação Física pautava-se no orgânico e no mecânico, destituída de sua ordem sensível e cultural.

Para Lévi-Strauss (1976), o homem é um ser biocultural cuja natureza e cultura são polos indissociáveis em sua vida. De acordo com o autor, na espécie humana, não há como distinguir o estado de natureza e estado cultural:

O homem é um ser biológico ao mesmo tempo que um indivíduo social. Entre as respostas que dá às excitações exteriores ou interiores, algumas dependem inteiramente de sua natureza, outras de sua condição [...] na maioria dos casos, as causas não são realmente distintas e a resposta do sujeito constitui verdadeira integração das fontes biológicas e das fontes sociais de seu comportamento. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 41-42).

A partir desse pensamento, o corpo pode ser entendido como uma unidade existencial que não se separa ou se opõe aos condicionantes biológicos e culturais, não sendo possível estabelecer uma distinção entre os fenômenos da natureza e da cultura, haja vista não existir uma fronteira nítida entre eles.

De acordo com Martins (2010), o corpo humano só pode ser pensado como uma multiplicidade de forças, de pulsões e afetos, que ganham configurações e formas distintas. Para ele, o corpo seria umas dessas configurações, ou seja, expressões de um determinado processo de individuação próprio da vida.

Nesse sentido, para o autor citado, os polos natureza e cultura não são realidades ontologicamente distintas; o corpo como modo genuíno de expressão da vida, e a cultura como uma espécie de rede, na qual uma série de valores muda ao longo do tempo, aproxima-se numa relação intrínseca e recursiva. (MARTINS, 2010).

Dessa forma, pensar nesse entrelaçamento indistinguível entre o orgânico e o cultural que abarca e constitui a existência humana, faz-nos compreender que o homem tem atada em si uma natureza e uma cultura que autoriza e endossa esses opostos complementares em sua vida.

Diante disso, podemos compreender que, de fato, o corpo constrói sua história mediante suas experiências de vida, os valores concebidos e os sentidos atribuídos pela sociedade. Nesse percurso, o corpo se refaz, sendo marcado e vivificado pelas inscrições de um tempo, de uma história e de um povo, inscrições que constituem e constroem o corpo humano, como podemos perceber nesta citação:

[...] mesmo as carnes que constituem nossos corpos são permeadas de histórias, carregam o passado, nossas vivências. Nosso corpo é marcado pela história; constituímos-nos homens e mulheres pela história, desejos, angústias, e prazeres são forjados no tempo [...] o passado marca, presentifica e também constitui.²³

Dessa maneira, o corpo, como algo comum entre todos os seres humanos, revela e expressa singularidades que são próprias e coletivas. Cada indivíduo constrói e apropria-se dos limites e recintos de sua cultura. Logo, em cada sociedade há a demarcação de um repertório corporal que traduz sentidos àqueles indivíduos.

Pensamos o corpo nas relações entre o biológico e o cultural, pautado por saberes socialmente construídos. Diante disso, entendemos que toda modificação corporal é permeada por um imenso leque de significações biológicas, culturais e sociais, como acrescenta Nóbrega (2005, p.77): “o corpo expressa a história individual e a história acumulada de uma sociedade”.

Sabemos que a linguagem do corpo possibilita sentidos e significados diversos sobre a aparência, a beleza e a estética. Formas

²³ Silva, A. (2008, p. 24).

diversas de perceber o corpo, que permitem evidenciar diferentes horizontes para compreendê-lo. E isso pode ser evidenciado no discurso a seguir:

O corpo dá visibilidade ao humano e aos seus mistérios, ele revela os modos de vida de uma sociedade. O corpo possui múltiplos sentidos e, portanto, merece múltiplos olhares.²⁴

Sendo assim, há que se considerar as diversas ideias de beleza existentes em nosso planeta, assim como as singularidades pessoais, culturais e históricas, haja vista os valores sociais, históricos e culturais serem fundamentais para compreendermos que o modo como cada ser humano percebe a beleza é eminentemente variável e reconstruído a partir do local e da época em que ele está inserido.

No mesmo pensamento, observamos que algumas das dissertações analisadas apontam para a problematização e reflexão acerca das especificidades culturais, reconhecendo que os padrões de beleza são determinados culturalmente²⁵. Um exemplo desse discurso por ser dado na citação a seguir:

Se o corpo é o local privilegiado de impressão das possibilidades, das regras e restrições de uma sociedade, é o próprio corpo que transforma e é transformado dentro desse contexto, através de uma educação dos gestos, das posturas dentro de cada grupo social. A própria forma como é concebido, os padrões de beleza, os cuidados com o corpo são extremamente distintos entre as culturas.²⁶

Destarte, os trabalhos dissertativos citados estão embasados na ideia de reconhecer o corpo através de seu entrelaçamento com a

²⁴ Rigoni (2008, p.52).

²⁵ Calabresi (2004); Fernandes (2004) e Vasconcelos (2005).

²⁶ Fernandes (2004, p. 52).

experiência vivida e na impossibilidade de separá-lo dos valores e das condutas sociais, como podemos perceber no próximo relato:

Pela interferência da cultura local, o corpo é construído e avaliado, de acordo com os preceitos regionalizados [...] os indivíduos envolvidos culturalmente estão sujeitos a atenderem apelos culturais [...] Os indivíduos são classificados de acordo com padrões do momento ou cultura que são subjetivos, por serem parte de cada elemento da sociedade que cultua aquela forma de beleza e não outra.²⁷

Desse modo, compreendemos que o homem constrói seus valores, suas condutas e seus conceitos a partir de um contexto sociocultural próprio.

Essa compreensão pode ser evidenciada no contexto religioso dos indivíduos, pois sendo a religião uma das referências de educação do homem, ela determina as ações e os comportamentos dos indivíduos.

É certo que tanto a religião quanto a classe social dos indivíduos não só influenciam, mas também interferem no modo como as pessoas lidam com seus corpos, interferindo nos gestos e comportamentos dos seus seguidores.

Entendemos que o contexto religioso discutido em um dos trabalhos²⁸ apresenta essa relação sociocultural à qual nos referimos, como segue a citação:

A educação religiosa interfere e, por vezes, determina as ações e os comportamentos dos indivíduos, o que se aplica, também, ao uso e à construção do corpo do fiel. Isto se deve a um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, de acordo com as crenças de cada religião.²⁹

²⁷ Calabresi (2004, p. 79 - 103).

²⁸ Rigoni (2008).

²⁹ Rigoni (2008, p. 13).

Desse modo, compreendemos que o contexto religioso enquanto parte da cultura de um povo influencia na educação corporal e nos usos do corpo dos indivíduos, especialmente no que se refere à concepção de beleza do corpo feminino, como corroboram esses discursos:

Se partirmos do pressuposto de que toda a convivência com as diversas culturas e os diversos grupos sociais educa os indivíduos, e que a Igreja é só um deles, então concluímos que há uma enorme diversidade de corpos e de gestos presentes na sociedade.³⁰

Diante desta sociedade do “consumo da beleza”, é difícil imaginar que alguém fique - ou tente ficar- de fora na luta para alcançar os padrões corporais tidos como perfeitos. O fato é que existem muitas mulheres que ficam. Estas mulheres ainda carregam consigo o peso da moral religiosa e optam por viver e “consumir” um corpo de outra forma, a forma ditada pelo seu grupo religioso. Em nossa sociedade, os “modelos” de corpo também são, de certa forma, padronizados, mas não pela sociedade da beleza e, sim, por um grupo religioso.³¹

Esse argumento de que a religião influencia a concepção de beleza é ampliado a partir da ideia do corpo enquanto “agente da cultura”³². Nesse sentido, pensar o corpo como uma construção cultural, marcado pelos códigos e valores que são conferidos a ele em um determinado grupo social, é pensar que ele é uma inscrição da cultura³³, conforme dito:

O corpo “é um agente da cultura”, no qual as normas centrais e as hierarquias de uma cultura são inscritas. Sendo assim, o corpo torna-se “um lugar prático direto de controle social” e é treinado, marcado e moldado de acordo com o momento da história e suas formas

³⁰ Rigoni (2008, p. 147).

³¹ Rigoni (2008, p. 53).

³² Conceito utilizado por Vasconcelos (2005), ao compreender o corpo numa relação de imanência com a cultura.

³³ Vasconcelos (2005).

predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade.³⁴

Desse modo, o corpo se comunica, exprime e revela uma gama de emoções numa constante e indubitável relação com o mundo.

De acordo com Merleau-Ponty (2006), o corpo é a forma de ser e estar no mundo. No entanto, não o mundo enquanto objeto ou ideia:

O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.14).

Para ele tudo nos é acessível através do corpo; o mundo nos é revelado pelos nossos sentidos e pela experiência de vida. Já dizia o filósofo que tudo o que sabemos do mundo sabemos a partir de nossas experiências pessoais.

E, nesse reconhecimento do sensível do homem com o mundo, embora por vezes ignoremos e esqueçamos essa sensibilidade, somos parte dele, como bem acrescenta o autor:

O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 1).

Em suas reflexões sobre a pintura, o mundo e o ser, Merleau-Ponty (2004b) assegura que somos o arranjo do mundo e dos outros:

³⁴ Vasconcelos (2005, p. 86).

Visível e móvel, meu corpo conta-se entre outras coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que se vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofo mesmo do corpo. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p.17).

Esse pensamento aponta para o corpo em suas relações com o mundo, a partir de suas experiências vividas, para além de uma propriedade física, anatômica ou fisiológica, como a própria definição do ser humano.

Assim, sendo a beleza vivenciada nas múltiplas relações que envolvem o homem e o mundo, é necessário pensá-la como fonte inesgotável de significações e campo aberto aos sentidos, superando os valores e os padrões corporais.

Nesse contexto, sem necessariamente referenciar o filósofo Maurice Merleau-Ponty, alguns trabalhos³⁵ trazem essa compreensão do corpo numa relação de inerência com o mundo, a exemplo da seguinte citação: "O corpo é também o resultado de uma história pessoal e coletiva, integrado com a natureza, o meio ambiente e o corpo de outras pessoas."³⁶

A partir disso, pensamos que não há apenas uma concepção, um conjunto de coisas ou uma configuração padrão para a beleza. A concepção de beleza pode ser diversa em uma mesma representação, em um mesmo corpo ou numa mesma situação perceptiva. Como esclarece Nóbrega (2008, p. 397):

O enigma do corpo e do mundo, do pensamento e da ação produz novas significações, novas interrogações, novas informações, novas excitações, novas situações

³⁵ Corrêa (2005); Silva, A. (2008).

³⁶ Corrêa (2005, p. 33).

que continuam a se produzir cada vez que olhamos o quadro e somos afetados por ele.

Nesse pensamento a referida autora, ao falar do olho como metáfora do corpo na pintura, pautada nas ideias de Merleau-Ponty, acrescenta que:

Assim como na obra de arte, os olhares que se entrecruzam diante dos conceitos, das noções, das estratégias são permeados de sensibilidade e provocam múltiplos sentidos. (NÓBREGA, 2008 p. 399).

Nessa conjectura, nos apoiamos nas reflexões de Merleau-Ponty, que, ao tecer reflexões sobre a relação do pintor com seu corpo, fornece-nos elementos significativos para o nosso pensamento sobre o corpo. Diz o filósofo: “[...] é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão de movimento.” (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 16).

Diante disso, consideramos a vivência da beleza como uma possibilidade de envolvimento e aguçamento dos sentidos para além dos modelos ou das informações contidas no objeto. A beleza na relação de imanência entre o sujeito e o objeto e na troca recíproca entre estes, em que novas interpretações são possíveis, advindas de experiências já vividas.

Assim consiste o enigma da beleza. Ela produz sentidos que não podem ser aferidos, significações que não podem ser pré-determinadas, pois o visível e o invisível nessa situação consiste naquilo que olhamos e indubitavelmente somos afetados.

Sobre essa cumplicidade do vidente com o visível, em que as posições de sujeito e objeto se alternam e se entrelaçam simultaneamente, não sabendo mais quem vê e quem é visto, diz-nos Merleau-Ponty (2004b):

O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o "outro lado" de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 17).

Tomando as palavras do autor aqui referidas, somos levados à compreensão do corpo para além dos modelos, padrões e formas que lhe são impostos. O corpo não como uma mera formação biológica, mas como fonte visível e sensível, pincelado por escritos e marcas em sua existência.

Ainda no que se refere ao pensamento do filósofo como campo gerador de reflexões acerca do corpo e da beleza, podemos encontrar em suas ideias acerca da experiência estética bases epistemológicas para repensarmos a beleza.

Nessa direção, a estética em Merleau-Ponty (2004b) se apresenta como um conceito aberto, como campo sensível que se dá através dos sentidos e do corpo. A partir de suas ideias, podemos pensar que a beleza expressa a dimensão estética presente na polissemia do corpo humano, uma experiência enquanto apreensão do mundo através dos sentidos e da sensibilidade do corpo:

A experiência estética é eminentemente corporal, manifesta-se e toma sentido no corpo, na identificação recíproca com os objetos, com outros seres humanos e com a natureza da qual o próprio homem é constituído e constituinte. (PORPINO, 2006, p. 87).

Sobre isso, Dufrenne (1998) esclarece que a experiência estética se dá na experimentação da beleza com as coisas sem condições prévias. Para o autor, a experiência estética desvela a condição humana, na medida em que permite ao homem uma estreita relação com o mundo. Em suas palavras afirma que:

O belo é esse valor que é experimentado nas coisas, bastando que apareça, na gratuidade exuberante das imagens, quando a percepção cessa de uma resposta prática. Ou quando a praxis cessa de ser utilitária. Se o homem, na experiência estética, não realiza necessariamente sua vocação, ao menos manifesta sua melhor condição: essa experiência revela sua relação mais profunda e mais estreita com o mundo. Se ele tem necessidade do belo, é na medida em que precisa se sentir no mundo. (DUFRENNE, 1998, p. 25).

Para Dufrenne (1998) a beleza na experiência estética, enquanto vivência do sensível, aponta o entendimento do belo não como um modelo ou uma idéia; o belo para ele se manifesta no entrelaçamento do sujeito ao objeto e na imanência total do sentido ao sensível. Essa experiência é vivida de forma sensível, não havendo conceitos e lógicas, mas uma conquista imediata, através de um arrebatamento requerido pela sensibilidade do apreciador ao apreciado. O belo para ele:

É a qualidade presente em certos objetos - sempre singulares - que nos são dados à percepção do ser percebido (mesmo se essa percepção requer longa aprendizagem e longa familiaridade com o objeto). Perfeição do sensível antes de tudo, que se impõe com uma espécie de necessidade e logo desencoraja qualquer idéia de retoque. Mas é também imanência total de um sentido ao sensível, sem o que o objeto seria insignificante: agradável, decorativo ou deleitável quando muito (DUFRENNE, 1998, p.45).

Assim, a vivência da beleza enquanto experiência do sensível penetra o corpo em um processo de transformação do homem, no contato e na relação com o outro, com o mundo e com as coisas.

Vivenciar a beleza nessa perspectiva da sensibilidade, do aguçamento dos sentidos e do entrelaçar sensível do sujeito com o mundo nos faz entender que ela aponta novos olhares para o corpo, ao transcender o entendimento objetivista de beleza. Reconhecendo-a não como modelo ou ideia, mas como vivência que o rompe com o conceito

linear e objetivista de corpo e adentra num duplo enlace que envolve simultaneamente o objeto e o indivíduo.

Pensar na beleza dessa maneira leva-nos a compreender que podemos vivenciá-la em nosso cotidiano através da arte, do esporte, do jogo, das imagens, dos corpos, dos transeuntes, dentre outras formas de expressão humana. Essa vivência, no entanto, não se resume ao conceito clássico ou a padrões pré-estabelecidos; ela é bem mais ampla, como acrescenta Porpino (2003):

É preciso considerar que o ideal clássico de beleza não é o único, nem o suficiente para abarcar todas as possibilidades do estético, podendo ser considerado apenas um conceito, dentre tantos outros na contemporaneidade. (PORPINO, 2003, p. 152).

Nesse sentido, compreendemos a experiência estética como uma possibilidade de redimensionar as perspectivas objetivistas do conhecimento sobre o corpo.

Essa experiência, seja para aquele que aprecia, seja para aquele que é apreciado, reconduz o homem a outras possibilidades corporais, especialmente à sua singularidade humana. Uma experiência estética como propiciadora da vivência sensível entre sujeito e objeto, visível e invisível, conhecimento e sentido, informação e interpretação. Isto é, configurações que não estão contidas no objeto, mas no imbricar do sensível entre o sujeito que percebe e a coisa percebida. (PORPINO, 2003).

Nessa perspectiva, amparando-nos nas ideias de Merleau-Ponty (2004b) e de Nóbrega (2008), compreendemos a arte como uma possibilidade da experiência do sensível, como esclarece essa autora, "[...] não como pensamento de ver ou sentir, mas como reflexão corporal." (NÓBREGA, 2008, p. 398).

E, de fato, a arte, especialmente a obra em seu inacabamento, como possibilidade do sensível, nos dirá Merleau-Ponty (2004b):

A obra não é portanto aquela que existe em si como uma coisa, mas aquela que atinge ao espectador, convidando-o a recomençar o gesto que a criou e, pulando os intermediários, sem outro guia além do movimento da linha inventada, do traçado quase incorpóreo, a reunir-se ao mundo silencioso do pintor, a partir daí proferido e acessível. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 81).

Dessa maneira, pensando nas expressões novas e inacabadas propiciadas pelas obras artísticas, pensamos que assim também pode ser a experiência da beleza em uma relação corporal.

Nessa perspectiva, é a partir da Fenomenologia que essa concepção de beleza e experiência estética é possível. Uma experiência da beleza que não se fixa no objeto, tampouco no sujeito, mas estabelece uma relação de imanência entre eles, aguçando os sentidos e entrelaçando o sujeito ao objeto e vice-versa.

Dialogando com Nóbrega (2003), encontramos uma descrição fenomenológica de beleza, em que outros sentidos são considerados para além do modelo clássico de belo:

O belo não é uma idéia ou modelo, precisa ser experimentado, vivido, solicitando, assim, a sensibilidade, como convite à contemplação. Na descrição fenomenológica, o belo não é uma forma idealizada ou uma redução ao gosto exclusivo do sujeito, mas uma articulação que acontece na percepção como interpretação dos sentidos proporcionados pelos jogos expressivos do corpo. (NÓBREGA, 2003, p. 139).

Nesse contexto, compreendemos que o pensamento sobre o corpo e a beleza deve transcender os modelos ditos “ideais”, para serem tomados

e ancorados pelo deslumbramento e sensibilidade dos olhos diante do mundo.

Entretanto, diante de uma busca incessante pela eficiência e eficácia, a vida humana tem sido enquadrada em padrões, em ritmos, em regras, em modelos, controlados por aquilo que se deve ter, fazer e ser.

Tem-se a possibilidade de corrigir, mudar ou mesmo consertar as imperfeições corporais, em outros termos, “[...] não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a idéia que dele se faz.” (LE BRETON, 2008, p. 22). Dispensa-se o antigo e feio corpo por um novo corpo, arquitetado, fabricado e construído de acordo com os desejos e interesses dos indivíduos e da sociedade.

Com o desenvolvimento da informática e cibernética, bem como o desejo de perfeição, o ser humano tem adentrado em um estado maquinal, ou seja, “[...] a máquina está se humanizando e o homem se mecanizando.” (LE BRETON, 2009, p. 24).

Sobre isso Michaud (2009) afirma que, a partir do momento em que se desenvolve tudo aquilo que podemos denominar de engenharia biotecnológica, aparece o tema do homem mecânico, especialmente:

Os enxertos, as cirurgias para mudança de sexo, as intervenções na reprodução de modificação genética e de clonagem, as intervenções “biotech”, tudo isso permite entrever o aparecimento de um homem mutante, filho de suas próprias opções e de suas próprias técnicas, com esta ambigüidade que não se sabe se aqui se trata de um homem inumano por desumanização ou de um super-homem que ultrapassa a humanidade para levá-la mais alto e mais longe e levá-la à plenitude. (MICHAUD, 2009, p. 551-552).

Para esse autor é possível observar que esse corpo mecanizado, ou seja, uma obsessão de um corpo feito para render, aparece, sobretudo,

no final do século XX, a partir do momento em que se desenvolve não só a cirurgia estética, mas também a biotecnologia e as diversas formas de intervenção corporal.

Diante disso, dissocia-se o corpo do homem, e ele passa a ser mensurável, quantificável, fragmentado e privado de sua dimensão subjetiva. Essas características têm acompanhado as práticas anatômicas e as tecnologias de visualização, como afirma Ortega (2008, p. 104): “[...] elas correspondem a uma relação com o corpo como ‘algo que se tem’ e não como ‘algo que se é’.”

Nesse sentido, ele chama a atenção para uma questão fundamental: a relação do corpo como uma imagem, em que por meio das tecnologias há uma projeção e objetivação de um corpo, um corpo ideal, pautado apenas em seu contexto físico e natural.

No desejo da perfeição maquinal, poderemos chegar aos tempos em que o corpo será necessariamente perfeito, por meios das máquinas de sobrevivência, dos corpos fabricados pela tecnociência, dos robôs programados e da durabilidade eterna.

Nesse cenário, a Educação Física, tendo sido institucionalizada historicamente como propriedade de médicos e militares e assumido os códigos científicos e éticos dessas áreas, onde o homem encontra-se dividido em si mesmo, entre o sensível e o lógico, incorporou os elementos cartesianos do conhecimento sobre o corpo. (NÓBREGA, 2005).

Desse modo, de acordo com a autora, a concepção de corpo-máquina contida em seu pensamento está expressa na explicação do funcionamento do corpo:

Para Descartes, o corpo está sujeito às leis do universo, por isso a sua fisiologia segue os mesmos princípios da Mecânica, sendo um constante movimento das partículas do corpo. (NÓBREGA, 2005, p. 39).

O pensamento de Descartes compreende o funcionamento do corpo a partir de uma analogia com a máquina hidráulica. Assim, a compreensão de corpo humano se estabelecia de maneira fragmentada, reduzida aos princípios mecânicos de seu funcionamento.

Nesse sentido, o corpo aparece em oposição à alma, de modo que o corpo não pensa, já que a principal função da alma é o pensamento. (NÓBREGA, 2005).

Dessa maneira, no entendimento cartesiano a razão predominava sobre o sensível, e a alma sobre o corpo. Um pensamento fundado na objetividade e na racionalidade, um aspecto dualista que influenciou fortemente a Educação Física.

No entanto, de acordo com a autora supracitada, no pensamento cartesiano, encontramos aspectos da separação e também da união entre corpo e alma. Isso porque:

Descartes pensou o composto humano enquanto totalidade, tal pensamento seria impossível do ponto de vista puramente mecânico. A união entre entendimento e sensibilidade, alma e corpo, parece realizar-se num órgão específico, a glândula pineal. (NÓBREGA, 2005, p. 42).

Desse modo, Nóbrega (2005) afirma que há de se considerar que Descartes avançou significativamente o conhecimento sobre o corpo, dando um passo para além do puro mecanicismo, ao reconhecer a união. Embora o aspecto dualista do seu pensamento permaneça, principalmente em relação ao conhecimento.

Nesse sentido, no que se refere ainda à concepção de corpo-máquina, compreendemos que, enquanto a máquina funciona a partir de pretensões humanas, o homem sente e experiencia sua existência corporal com o mundo. Logo:

O corpo não merece tal designação. Ele envelhece, sua precariedade o expõe a lesões irreversíveis. Não tem a permanência da máquina, não é confiável quanto ela, nem dispõe de condições que permitem controlar o conjunto de processos que nele ocorrem [...] A máquina é igual, fixa, nada sente porque escapa à morte e ao simbólico. (LE BRETON, 2008, p. 19).

Somos mais do que um dado natural, trazemos marcas sociais e históricas, consoantes ao tempo e à cultura que vivemos. Sendo assim, pensar a experiência da beleza em sua condição biocultural é pensar que temos essa dualidade em nós.

O homem ultrapassa o nível biológico e forma uma unidade entre o cultural e o natural, criando um mundo de significações para o corpo, capaz de reconhecê-lo e percebê-lo sob diferentes perspectivas, “[...] desautorizando, portanto, a idéia da mundialização de um corpo padrão.” (MENDES; NÓBREGA, 2004, p. 129).

De fato, atualmente as academias de ginástica e as avaliações corporais estão pautadas, em sua maioria, na universalização das formas e em padrões pré-estabelecidos por dados quantitativos, sendo o corpo visto prioritariamente pelos dados quantitativos e classificados a partir de uma média reconhecida como normal.

Nesse cenário de universalização e normalização, os corpos são domesticados para o treinamento e para performance. Uma compreensão de corpo pautado nos princípios olímpicos do mais alto, mais forte e mais veloz. Esse pensamento perdurou durante muito tempo na Educação Física, influenciando significativamente o conhecimento do corpo a partir dessas características.

Nesse contexto, utilizam-se na área conhecimentos advindos das áreas biológicas, sobretudo com o uso de tabelas e instrumentos, com o intuito de padronizar e indicar medidas ideais para o corpo, a partir do peso e da estatura dos indivíduos.

De acordo com Silva (2001b), o corpo, ao ser formulado em bases estatísticas e medidas padronizadas, é generalizado pelos profissionais vinculados às ciências biomédicas, indicando uma tendência de mundialização desse referencial de corpo.

Para a autora, as tabelas de base utilizadas pela ciência biomédica para avaliação generalizável dos indivíduos são em sua maioria de procedência americana e europeia, coletadas pelas companhias seguradoras em homens e mulheres economicamente ativos. Diante disso, ela esclarece:

A capacidade objetivável de rendimento da força de trabalho é que fundamenta o “corpo-referência” da cultura científica e daquilo que ela constitui como um padrão de normalidade, criando um evidente descompasso com a realidade e a compreensão da diversidade humana. (SILVA, 2001b, p. 90).

Para a autora supracitada, ainda que o uso das medidas e avaliações apresente um referencial de corpo a ser atingido, em suas compleições físicas, há condições objetivas que não permitem atingir esse corpo considerado ideal. Como asseguram suas palavras: “[...] o modelo de corpo proposto pela ciência é um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes.” (SILVA, 2001b, p. 91).

Do mesmo modo, Merleau-Ponty (2004b), ao tecer críticas sobre a ciência moderna, em *O olho e o espírito*, afirma que a ciência manipula as coisas, estabelece modelos, operando sobre índices que de longe se confrontam com o real. Para ele a ciência:

É, sempre foi, esse pensamento admirável ativo, engenhoso, desenvolvido [...] de tratar todo ser como “objeto em geral”, isto é, ao mesmo tempo como se ele nada fosse para nós e estivesse no entanto predestinado aos nossos artifícios. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 13).

Mesmo assim, não queremos recusar a importância da ciência no que se refere aos dados biológicos do corpo. No entanto universalizá-la e resumir o corpo apenas aos elementos numéricos é negar as singularidades e desvios que o próprio corpo pode tomar.

É certo que o discurso sobre o corpo na área de Educação Física avançou para além do aspecto instrumentalista e puramente biológico, compreendendo- como uma construção biocultural.

Diante da convergência do pensamento dos autores tematizados que problematizam a visão dicotômica do corpo, pensamos que a Educação Física, ao perceber que os esquemas simbólicos e inatos se interpenetram intrinsecamente, redimensiona as concepções tradicionais da área a partir da compreensão de um corpo vivo, que, em vez de fragmentado, é uma unidade existencial.

A possibilidade de estabelecer aproximações epistemológicas entre as Ciências Naturais e Humanas contribuiu sobremaneira para a fundamentação teórica e metodológica da Educação Física desde o final dos anos 1980 até os dias de hoje.

Isso favoreceu que a Educação Física reconhecesse a formação orgânica e social do homem, que, em vez de se isolar, se complementa polissemia do corpo humano.

Portanto é possível compreender que, ainda que todos os seres humanos possuam os mesmos traços biológicos, eles operam de maneira singular e específica. Em outros termos:

Ainda que todos os homens de todo o planeta disponham do mesmo aparelho fonador, eles não falam necessariamente a mesma língua. Igualmente, embora a estrutura muscular e nervosa seja idêntica, isso não pressagia os usos culturais aos quais se presta. (LE BRETON, 2009, p. 9).

No processo de “normalização” e padronização do corpo, destituem-se as singularidades do homem e desconsideram-se as dimensões do humano. Diante disso, Silva (2001b) alerta para a necessidade da crítica e

da relatividade dos dados da ciência, atentando para as histórias e cultura do corpo, que lhe fornecem o substrato de sua existência.

Corroborando esse pensamento, na crítica à padronização do corpo, enfocada pelas tabelas de mensuração e avaliação corporal, destacamos o discurso a seguir:

Basicamente, as tabelas de base utilizadas apresentam poucas possibilidades: estar dentro de um padrão considerado “normal”, “acima do peso” ou “abaixo do peso”. Esses procedimentos acabam desconsiderando as especificidades biológicas, geográficas e culturais dos indivíduos [...] Padrões de beleza que, no entanto, podem nem ser alcançados.³⁷

De fato, as experiências, as vivências, os conceitos e as concepções perpassam nosso corpo, entrelaçando o mundo biológico e cultural. E isso pode ser evidenciado nos trabalhos dissertativos, como nos mostram os discursos a seguir:

O corpo é o lugar onde se opera a simbiose entre o biológico e o cultural [...] uma construção histórica – logo, múltipla, polissêmica e plural.³⁸

É território biológico e simbólico que pode revelar e, ao mesmo tempo, esconder traços de sua subjetividade e de sua fisiologia [...] torna-se inviável separá-lo tanto da natureza quanto de seu contexto histórico e cultural. Por ser finito, pois acompanha o indivíduo desde seu nascimento até a sua morte.³⁹

O corpo é a nossa razão de ser, o elemento material de nossa identidade, presença e existência no mundo. Sendo assim, ele é incontestavelmente natureza e também cultura. Em outras palavras:

³⁷ Fernandes (2004, p. 40-41-43).

³⁸ Vasconcelos (2005, p. 91).

³⁹ Vasconcelos (2005, p. 2).

O corpo expressa a unidade na diversidade, entrelaçando o mundo biológico e o mundo cultural [...]. Com meu corpo atuo no mundo. [...] O corpo realiza a existência, põe o sujeito em situação, diferenciando-se dos objetos exteriores. [...] Aprendo o mundo com o corpo, mas esta apreensão é sempre uma síntese inacabada, formada pelas perspectivas de situação vivida. (NÓBREGA, 2005, p. 63-64).

Sobre isso a autora aponta para a necessidade da relação entre natureza e cultura como necessária para o conhecimento do corpo, embora alerte que uma não se sobrepõe à outra:

O uso que o ser humano faz de seu corpo ultrapassa o nível biológico, o nível dos instintos, ele cria um mundo simbólico, de significações. O ser humano não está aprisionado, como os animais, nos limites de suas condições naturais, ele as amplia, variando os pontos de vista, reconhecendo numa mesma coisa diferentes perspectivas. Em outras palavras, cria cultura, porém o mundo cultural não se sobrepõe ao mundo natural, mas formam uma unidade. (NÓBREGA, 2005, p.65-66).

Sendo o homem uma construção tanto biológica quanto cultural, seria muito difícil traçar uma linha e separar o que nele é biológico ou cultural, singular ou universal. Corroborando esse pensamento, Porpino (2006, p.20) acrescenta: "Somos, ao mesmo tempo, cultura e natureza, corpo e espírito, razão e emoção, numa simbiose que não pode ser desfeita."

Recorremos ainda ao etnólogo Claude Lévi-Strauss, que, em sua obra *As estruturas elementares do parentesco*, questiona a fronteira entre natureza e cultura, refletindo sobre inseparabilidade entre ambas.

Para o autor não é possível distinguir no homem onde começa a natureza ou a cultura, assim como onde uma se transforma na outra, mas somente como elas se complementam. Na referida obra, o autor mostra

os estudos desenvolvidos por alguns pensadores no século XVIII, como, por exemplo, em observações realizadas com os “meninos-lobos”, que ao serem perdidos no campo nos primeiros anos de vida, sendo posteriormente encontrados, nunca alcançaram o nível habitual do humano:

Um deles, Sanichar, jamais pôde falar, mesmo adulto [...] O mais moço permaneceu incapaz de falar e o mais velhos viveu até os seis anos, mas com o nível mental de uma criança de dois anos e meio e um vocabulário de cem palavras apenas. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 43).

Podemos considerar que o caso de Dina Sanichar é emblemático para essa compreensão da inseparabilidade entre natureza e cultura, à qual nos referimos. Sabe-se que o menino, mesmo com a convivência humana, nunca deixou seus hábitos aprendidos anteriormente, como, por exemplo, afiar os dentes em um pedaço de osso e comer comida do chão.



De acordo com Lévi-Strauss (1976), se isolarmos um animal doméstico, quando este se encontrar perdido, ele voltará ao comportamento natural de sua espécie antes da intervenção da domesticação. Porém o mesmo não acontece com o ser humano, diz ele: “No caso do homem não existe comportamento natural da espécie ao qual o indivíduo isolado possa voltar mediante regressão.” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 43).

Imagem 01: Dina Sanichar, encontrado em 1867 na companhia de lobos.
Fonte: Blog Cura da mente

Como reforça o autor supracitado, esses estudos puderam comprovar que a relação entre natureza e cultura é complementar e interdependente:

Onde acaba a natureza? Onde acaba a cultura? É possível conceber vários meios de responder a esta dupla questão. Mas todos mostraram-se até agora singularmente decepcionantes. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 42).

Nesse mesmo entendimento, Le Breton (2009) afirma que o estudo sobre as crianças-lobo oferece-nos ensinamentos preciosos para a compreensão da construção do corpo em sua dimensão social e cultural, ao corroborar a relação da condição humana com o mundo.

Ainda de acordo com autor, o homem, ao nascer, necessita ser reconhecido pelos outros, por meio de atenção, afeto e sinais, para reconhecer-se como sujeito.

E sobre isso ele amplia a discussão, refletindo que para o homem a educação não provém de nenhum comportamento inato nem de uma educação pré-estabelecida. Sendo em função desses ensinamentos que o homem modela seus gestos, sua linguagem, seus sentimentos, etc. Ao contrário dos animais, que já têm essencialmente inscritos em seu programa genético os meios de linguagem e condutas diante do mundo, como, por exemplo, defender-se das adversidades do ambiente, assegurar sua subsistência, etc.

O autor supracitado, em seu livro *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*, apresenta uma reflexão sobre as meninas-lobo, Amala e Kamala.

Essas crianças, quando foram encontradas numa floresta, apresentavam comportamentos idênticos aos dos lobos, desde sua constituição física até as sociais.



Imagem 02: Andando pela floresta.
Fonte: Otambosi blogspot



Imagem 03: Caminhando em quatro apoios.
Fonte: Cadernosociologia blogspot

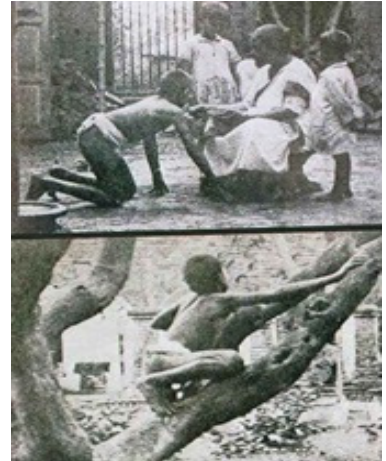


Imagem 04: Hábitos semelhantes aos dos Lupinos.
Fonte: Além do túmulo blogspot

Os relatos confirmam que as duas meninas eram mudas, só emitindo grunhidos e rosnados; andavam de quatro, apoiando-se sobre os joelhos e cotovelos para os pequenos trajetos e sobre as mãos e os pés para os trajetos longos e rápidos; só comiam carne crua ou podre; comiam e bebiam como os animais; elas eram ativas e ruidosas durante a noite, procurando fugir e uivando como lobos; além disso, jamais choravam ou riam.



Imagem 05: Prostradas no chão.
Fonte: Dunkell blogspot



Imagem 06: Comendo e bebendo como animais.
Fonte: A fuga de idéias blogspot



Imagem 07: Alimentos, carne crua ou podre.
Fonte: Cadernosociologia blogspot

Ao serem recolhidas por uma comunidade humana, o processo de “humanização” foi complexo e lento. Kamala necessitou de seis anos para aprender a andar e, pouco antes de morrer, tinha um vocabulário de apenas cinquenta palavras; suas atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos, chorando pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se apegou lentamente às pessoas que cuidaram dela, bem como às outras com as quais conviveu. Amala, ao revés, não sobreviveu a alguns meses de captura, morrendo um ano após ser encontrada. (LE BRETON, 2009).

A partir dos registros dessas crianças selvagens, fica evidente que o corpo humano revela uma inscrição social e cultural, cuja forma e sentido foram delineados pela sociedade e cultura onde aquele indivíduo viveu.

Isso confirma o argumento de que o ser humano é um ser biológico e ao mesmo tempo um indivíduo social, constituído pelo diálogo entre os dois. Sendo assim, o humano deve ser considerado em sua dimensão simbólica, refutando a ideia da existência de fatores puramente biológicos.

Nesse pensamento, compreendemos que somos, de um lado, uma construção social e, do outro, cultural, simultaneamente. Em outras palavras:

O homem é considerado um ser bio-cultural, sendo totalmente biológico e totalmente cultural, pois tudo o que é humano possui ligação com a vida [...] o que é biológico no ser humano encontra-se simultaneamente infiltrado de cultura. Todo ato humano é bio-cultural. (MENDES, 2002, p. 46).

Nóbrega (2005), ao tecer reflexões sobre a Motricidade e Corporeidade como um entrelaçamento indivisível no movimento humano, também corrobora com os nossos argumentos sobre a compreensão do corpo e da inseparabilidade existente entre corpo, natureza e cultura.

Os conceitos de Motricidade e Corporeidade, utilizados pela autora, refletem a necessidade de buscar, no âmbito da Educação Física, novos

referenciais para pensar o movimento e o corpo para além de sua visão dicotômica. Ambos os termos incluem a existência humana e a intencionalidade como aspectos preponderantes para a compreensão na área, que não se fixa nos dados biológicos ou mecânicos. Em suas palavras:

Quando jogo, quando canto ou danço, estou não apenas pondo em funcionamento o meu equipamento anatômico e fisiológico, estou vivendo, simultaneamente, o mundo cultural que conformou este jogo, este canto e esta dança e todos os meus projetos existenciais neles estão representados. Todo o meu ser de relação se envolve nestes movimentos e através deles eu apreendo o mundo, vou reorganizando o meu esquema corporal, configurando a minha corporeidade. (NÓBREGA, 2005, p. 67).

Diante disso, corpo, natureza e cultura são interdependentes e se interpenetram, expressando no homem um imbricar simultâneo entre o biológico e o cultural, como elucida Merleau-Ponty (2004b):

Se sou projeto desde meu nascimento, é impossível distinguir em mim o dado e o criado, impossível, portanto, designar um único gesto que seja apenas hereditário ou inato e que não seja espontâneo, mas igualmente, um único gesto que seja absolutamente novo em relação a essa maneira de ser no mundo que sou eu desde o começo. É a mesma coisa que dizer que nossa vida é inteiramente construída ou que ela é inteiramente dada. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 137).

Nesse sentido, compreendemos que a maneira de agir, conhecer e perceber o corpo e o modo como dele fazemos uso são distintos. Portanto pensar o corpo para além da sua dimensão biológica, numa relação entre natureza e cultura, faz-nos compreender que os modelos de beleza vigentes, as inúmeras possibilidades, técnicas e meios para modificação e

reconstrução corporal são pautados por uma construção biológica e cultural.

Nessa perspectiva, observamos, nas produções do conhecimento de Educação Física analisadas, que essa relação entre natureza e cultura é uma compreensão recorrente no trato do conhecimento da área e do corpo.

Isso contribui para compreendermos que, mesmo que por vezes a Educação Física apresente uma visão do corpo atrelada apenas aos aspectos biológicos, outros referenciais, no intuito de superar essa compreensão, têm sido apresentados.

Conforme dito, o referencial das Ciências Humanas e das Ciências Sociais que passou a permear o âmbito acadêmico da Educação Física nos anos 1980 trouxe importantes avanços ao delinear novas intervenções pedagógicas para a área, ressignificando a compreensão de corpo.

Compreendemos, ainda, que, embora na tradição médica essa objetivação e fragmentação do corpo ainda sejam dominantes, diferentes racionalidades médicas e estudos sobre a biologia não se enquadram nesse modelo racionalista e normativo de corpo.

Nesse contexto, percebemos que as produções analisadas afastam-se das discussões nas quais o corpo é visto prioritariamente sob o aspecto biológico e das antinomias entre o orgânico e o cultural, reconhecendo o corpo humano a partir da união de ambos.

Sendo assim, destacamos que as concepções de corpo e de beleza presentes na produção analisada, ao pautarem-se nessa relação, avançam no conhecimento sobre o corpo, mesmo diante do forte avanço histórico que a Educação Física passou.

Diante disso, cabe destacar que ainda tem sido importante falar da complementaridade entre natureza e cultura na Educação Física, porque a área historicamente priorizou seu pensamento apenas nos dados biológicos do corpo e do movimento. Logo, há a necessidade de afirmar

que o seu conhecimento tem sido redimensionado diante das concepções que marcaram fortemente sua história.

Nesse contexto, essa área, ao perceber que corpo, natureza e cultura interpenetram-se simultaneamente, avança para além do aspecto objetivista, reconhecendo tanto as diversidades individuais e culturais como a possibilidade de diálogo entre os seres humanos. Um conhecimento sobre o corpo que ultrapassa a racionalidade instrumental e os determinismos humanos, configurando possibilidades de novas formas de ser, de viver e de vivenciar o belo.

Pensar o corpo dessa forma possibilita que a Educação Física derrube mitos estereotipados e repressores aos quais o corpo é imposto. Desconstruindo os modelos pré-estabelecidos de beleza e construindo formas diversas para contemplá-la.

Essa compreensão aponta para outra perspectiva de corpo e beleza na área, que não se reduz às concepções universalizantes nem a um modelo único, mas que, reconhecendo seus limites e possibilidades, é capaz de refazer sentidos próprios para a vida e a existência humana.

Nessa direção, compreendemos que a experiência da beleza na área deve transcender os modelos ditos “ideais” para serem tomados e ancorados pelo deslumbramento e sensibilidade que os nossos olhos podem contemplar.

Compreender essas nuances constitui um contínuo desafio à Educação Física, ao disponibilizar sentidos e significados sobre o corpo, sobre a natureza, sobre a cultura, sobre o ser humano, permitindo sentidos diversos e diferentes horizontes para se contemplar o corpo, a beleza, a vida.

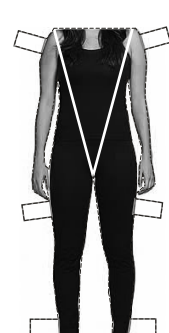
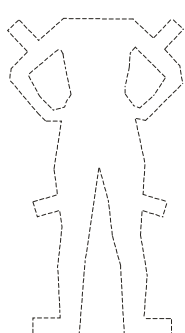
“São múltiplas as interpretações da beleza criadas na história que podem ser revividas e resignificadas.”

Karenine Porpino.

“Oh beleza! Onde está tua verdade?”

William Shakespeare.

Padrão Corporal e Transformações da Beleza



Diferentes modos de pensar o corpo foram observados através da análise feita na produção científica da área. Nesse sentido, permeadas por concepções que permitiram o entrelaçamento entre corpo, natureza e cultura, outras temáticas foram recorrentes no conhecimento do corpo na área.

Desse modo, os discursos sobre o corpo visualizados no corpus de análise permitem-nos apresentar algumas reflexões a partir das ideias encontradas nas dissertações, a saber: a efemeridade e diversidade dos padrões corpóreos; as relações de poder-saber no corpo; e o entendimento da Educação Física que tem o corpo como sua referência específica.

É certo que as imagens corporais ressaltando modelos de beleza pautados sobretudo no corpo jovem, magro, atlético e saudável são uma questão que cotidianamente pode ser percebida através dos mais diferentes meios de divulgação, como, por exemplo, revistas, jornais, programas de televisão, cinema, internet, academias, outdoors, dentre outros.

Percebe-se a proliferação de clínicas de estética, revistas, academias, programas televisivos, aparelhos, produtos para cuidado do corpo, alimentos dietéticos, artigos de beleza e especialidades diversas que, dentre outras coisas, sustentam um amplo conjunto de investimentos sobre o corpo e a beleza.

Assistimos às numerosas intervenções sobre o corpo, possibilidade de transformá-lo e personificá-lo. Muitas são as técnicas, produtos e tratamentos que possibilitam adquirir ou manter o corpo “em forma”. E estes abarcam desde aparatos, adereços, vestuários, exercícios até os métodos cirúrgicos.

A ordem do dia é estar esbelto, magro, com os músculos à mostra e em movimento, atendendo, assim, aos apelos e aos padrões hegemônicos da nossa sociedade.

De acordo com Ortega (2008), o corpo tornou-se o espaço de criação, da utopia e da conquista. Homens e mulheres se empenham nos cuidados corporais, investindo tempo e dinheiro na melhoria da aparência física. E, nessa perspectiva, em que a aparência é o que conta, o autor acrescenta: “[...] temos nos tornado ‘condenados da aparência’, sacrificamos sem pensar duas vezes o ‘sentir-se bem’ pela ‘boa aparência’.” (ORTEGA, 2008, p. 39).

A valorização da aparência física tem invadido progressivamente a expectativa e referência de corpo das pessoas, levando-as a uma busca excessiva e intensa pelo corpo dito “belo”.

Essa perspectiva estética aponta para um olhar sobre o corpo enquadrado em modelos pré-estabelecidos e formas universalizantes que desconsideram e negam a importância social, histórica e cultural na formação dos padrões estéticos.

Como afirma Silva (2001b), o corpo não é constituído apenas por sua identidade e singularidade própria, mas, na sua essência, o corpo constitui-se de uma interação cultural e social, marcado pelo tempo na história e espaço na natureza em que vive.

As concepções de beleza são elaboradas culturalmente e socialmente, estando vinculadas ao tempo e ao espaço vivido. Logo, o conhecimento e os conceitos que temos de corpo, de belo e do corpo belo são produtos de uma construção histórica e cultural, que influencia e determina a forma como pensamos e classificamos a beleza.

Dessa maneira, o corpo como campo de reflexões, discursos e intervenções sociais, possui múltiplos significados que variam ao longo do tempo, fazendo com que um indivíduo nunca seja considerado totalmente belo, ou seja, belo em absoluto, mas de forma relativa, já que esse conceito varia ao longo do tempo e das culturas. Ele é passageiro e mutável, renovando-se e nos surpreendendo a cada instante.

Isso ocorre porque as culturas abarcam as dinâmicas, rupturas e conflitos de geração, de modo que não apenas a concepção, mas o próprio “gênero” de beleza é modificado. (VIGARELLO, 2006).

Nesse sentido, percebemos que as dissertações analisadas⁴⁰ apontam uma compreensão da beleza a partir de sua transitoriedade no tempo e no espaço, ou seja, durante os séculos e as diversas culturas existentes.

Em cada sociedade há a demarcação e uma representação de corpo que traduz sentidos para os indivíduos, e, como confirma um dos trabalhos analisados, “É importante lembrarmos que os padrões estéticos mudam de tempos em tempos, ficando as mudanças submetidas aos novos posicionamentos da cultura local.”⁴¹

Sabemos que o corpo modifica-se naturalmente e culturalmente. Nele há mudanças que todos os corpos enfrentam, como, por exemplo, as mudanças ocasionadas pelo crescimento e desenvolvimento biológico do ser humano. E outras mudanças que se referem aos padrões estéticos e aos modelos de beleza vigentes, que se transformam constantemente ao longo dos anos e das culturas espalhadas pelo planeta.

As compreensões de corpo e de beleza, ao variarem conforme as necessidades e os preceitos de cada sociedade, conferem modos diversos de perceber o corpo. É importante destacar que há casos que em uma determinada cultura ou época histórica reconheceram-se como belas coisas que atualmente não são consideradas como tal.

Sendo assim, não existe uma concepção universal e preconcebida de belo, pois durante os anos que se passam e com as culturas espalhadas pelo planeta, muitas são as coisas que os seres humanos já consideram como belas. A compreensão da beleza a partir de um dito “ideal” é sempre transitória; o belo pode se tornar inadequado, feio ou fora dos padrões

⁴⁰ Calabresi (2004); Fernandes (2004); Corrêa (2005) e Vasconcelos (2005).

⁴¹ Calabresi (2004, p. 110).

estéticos a partir das contínuas mudanças de tendências em uma cultura ou sociedade, conforme o tempo.

Como afirma Porpino (2003), os modelos de beleza em evidência divergem em épocas distintas pelas necessidades humanas. Dessa maneira, compreendemos que os ideais estéticos não são imutáveis. Cada época tem seu ícone, e talvez mais de um, assim como diversos ideais de beleza podem coexistir em uma mesma cultura.

Esse mesmo pensamento está presente nas dissertações, a exemplo da citação que segue: "Em cada época um modelo define o perfil corporal, de acordo com os valores, as exigências, as crenças, e os interesses."⁴²

De acordo com Vigarello (2003), a diversidade do corpo é abundante, de modo que suas representações deslocam-se e transformam-se completamente no seio de cada cultura e de cada época. Em outras palavras:

As referências dadas à forma, às eficácias e funcionamento do corpo mudam no decorrer do tempo. Suas representações se deslocam de tal maneira que, algumas vezes, vêm-se completamente transformadas: o controle do peso corporal, por exemplo, os cuidados com a constituição orgânica, a hierarquia concedida ao aspecto físico, os índices de alerta aos males; os padrões estéticos atuais não são aqueles do passado. (VIGARELLO, 2003, p.21).

Sendo assim, no que se refere à beleza, deve-se considerar a história, os laços sociais e culturais que envolvem cada corpo, pois o que para nós é considerado feio esteticamente, em outras culturas podem ser traços indiscutíveis de beleza.

Essa afirmação também pode ser identificada quando observamos a aparência feminina, corpos que se diferenciam dos padrões aceitos em determinadas culturas e que em outras asseguram o modelo de corpo ideal para uma mulher.

⁴² Corrêa (2005, p. 49).

Nesse pensamento, tendo cada época uma representação de beleza e padrões estéticos em constantes mutações,

Fica complicado para as mulheres buscarem e atingirem forma aproximada dos ícones femininos vigentes no momento, pois se eles são constantemente modificados, vai haver um processo de readaptação de toda a constituição social feminina, mesmo que o tempo seja longo, entre a aparição de um ícone e outro.⁴³

Portanto os estereótipos de beleza feminina apresentam diversas questões que constituem o cenário social da mulher, haja vista nem todo modelo gerado agradar a todas as mulheres.

Compreender essas mudanças nas concepções de beleza, sobretudo no corpo feminino, favorece o entendimento sobre o modo pelo qual a beleza vem sendo percebida em suas constantes variações, a sua relação com as necessidades das mulheres perante os seus corpos, bem como no que se refere às suas interações sociais de forma geral.

Nesse contexto, as representações da beleza feminina são diferentes, significando que sobre seu corpo não existe apenas um único e homogêneo olhar, mas olhares que se diversificam e para os quais a representação do belo não é constante. Nesse contexto, encontram-se alguns textos analisados⁴⁴, compreendendo o padrão de beleza feminino em constantes mutações, como corrobora a citação:

A preocupação quanto aos modos de produção de embelezamento feminino é, portanto, antiga e, ao mesmo tempo, contemporânea. As maneiras de produzir e conceber embelezamento corporal são modificadas ao longo da história. As diversas concepções de beleza feminina são representadas socialmente; portanto, se difundem e se transformam continuamente, fazendo parte do senso comum. São

⁴³ Calabresi (2004, p. 42).

⁴⁴ Calabresi (2004); Fernandes (2004); Corrêa (2005) e Vasconcelos (2005).

(re)criadas, mesmo que temporariamente, de acordo com o momento histórico e as crenças e os saberes que circulam no imaginário social de uma época.⁴⁵

Ainda sobre a beleza feminina, um dos trabalhos analisados⁴⁶ afirma a desigualdade existente entre homens e mulheres. Nessa dissertação, o autor, ao dialogar com Del Priore, expõe que, entre os séculos XII e XVIII, tanto a Igreja quanto a literatura, a moral e a ética do período compreendiam o corpo feminino como um mal sobre a Terra.

De acordo com ele, o corpo feminino, na antiguidade, era valorizado apenas para a fertilidade e fins reprodutivos, tendo algumas partes enaltecidas, como, por exemplo, seios, nádegas e abdômen. Entretanto, com o passar dos tempos, a figura feminina deixou de ser vista apenas como reprodutora ou responsável pelos afazeres doméstico e adquiriu valores e manifestações corporais para além das funções reprodutivas⁴⁷.

Esse pensamento remete à ginástica do século XIX, que era composta por movimentos dos chamados Métodos Ginásticos Europeus, especialmente em sua relação com o corpo feminino.

De acordo com Soares (2002b), na França no século XIX, o precursor do método ginástico foi o Coronel Amoros. Utilizando-o para a educação do corpo, seu método incluía natação, saltos, corridas, dentre outros que objetivavam gerar homens fortes. Desde então, os exercícios físicos para as mulheres foram pensados como possibilidade de, através deles, educar toda uma geração. (SOARES, 2002b).

Após morte de Amoros, suas ideias foram continuadas pelos fisiologistas Demeny e Marey. Demeny, entre outras coisas, inclui em suas sessões de ginástica uma associação de música e de dança, especialmente naqueles destinados às mulheres.

⁴⁵ Vasconcelos (2005, p. 16).

⁴⁶ Calabresi (2004).

⁴⁷ Calabresi (2004).

Nesse contexto, a ginástica adequada à mulher toma acento em sua educação, educando-a para ser saudável e para ser mãe. (SOARES, 2002b).

A autora supracitada mostra a importância da prática que a ginástica tinha para o corpo feminino, especialmente em relação ao discurso médico-higienista, ao destacar:

O corpo feminino deve ser fortalecido pela 'ginástica' adequada ao seu sexo e às peculiaridades femininas, pois era a mulher que geraria os filhos da pátria, o bom soldado e o elegante e civilizado cidadão. (SOARES, 2007, p. 83).

Nesse contexto, sabe-se que os exercícios destinados às mulheres estavam voltados às atividades suaves, realizadas com música, em especial o canto e a dança, por concederem graça e leveza às mulheres.

Desse modo, compreendemos que, mesmo diante do discurso médico-higienista, já existia a preocupação com a feminilidade da mulher, sendo destinadas práticas específicas para elas, a fim de não prejudicar a delicadeza e singeleza feminina. Assim, de uma condição submissa, o corpo feminino passa a ser reconhecido para além de sua fertilidade, como já mencionado. Isso não significa que as partes que simbolizavam fortemente a reprodução feminina perderam seu valor de fecundidade; elas apenas receberam outros valores e adjetivos que se manifestam no corpo⁴⁸.

Diante disso, mesmo que novos espaços e concepções em torno da mulher estejam em pleito, é certo que alguns padrões historicamente designados como próprios da identidade de mulher ainda permanecem, conforme evidenciamos na afirmação que segue:

⁴⁸ Calabresi (2004).

Mesmo que as mulheres estejam começando a ter maior espaço para mostrarem suas capacidades, nos mais variados âmbitos sociais, sua imagem continua associada a um objeto frágil e sensual, capaz de apenas satisfazer aos anseios masculinos.⁴⁹

Os padrões corporais não atingem apenas as mulheres que não são afeitas às atividades esportivas e/ou que se prendem aos afazeres domésticos. Atingem também as mulheres que praticam atividade esportiva e acabam desenvolvendo seus corpos diferentemente dos vigentes da sociedade⁵⁰. No caso da mulher atleta, destaca-se:

A construção de corpo produzida pelo esporte, em muitos momentos, choca-se com as expectativas estéticas de beleza feminina, interferindo psicologicamente na prática da mulher atleta. Isso ocorre devido aos desejos que a mulher possui de atender a esses apelos estéticos de beleza feminina [...] O corpo da mulher atleta expressa e identifica a que grupo ela pertence, então, dificilmente ela escapa dos estereótipos, pois o esporte imprime marcas no corpo propriamente dito ou nas formas de cobri-lo. Assim, certas marcas desenvolvidas pelo esporte podem ser antagônicas à feminilidade.⁵¹

Logo, compreendemos que, embora as mudanças nos padrões de beleza da mulher sejam recorrentes, a suavidade e fragilidade são peculiaridades sempre constantes no corpo feminino.

Se considerarmos certos períodos históricos, conforme referido em um dos trabalhos analisados⁵², veremos que, no Renascimento, entre os séculos XIV e XVI, o modelo de beleza predominante era o corpo gordo. Naquele período, o corpo robusto e flácido era considerado bonito e elegante, enquanto a magreza representava e sugeria doença ou miséria.

⁴⁹ Calabresi (2004, p. 137).

⁵⁰ Calabresi (2004).

⁵¹ Calabresi (2004, p. 138-139).

⁵² Fernandes (2004).

Nesse sentido, conforme podemos observar em algumas discussões sobre o corpo feminino⁵³, sua representação tem passado por inúmeras transformações ao longo do tempo.

No que se refere aos avanços e às conquistas das mulheres entre os séculos, além da busca por sua identidade, surgem ao longo do século XX novos imperativos e ideais de beleza que se propagam, difundindo novas formas corporais. Começam a existir, nesse período, diversos ideais de beleza que vão se propagando e se difundido como novas formas corporais.

Se observarmos, por exemplo, do século XIX para o século XX, no Ocidente, podemos perceber que as silhuetas e os critérios de beleza corporal mudaram. Enquanto no primeiro eram as morenas robustas e gordas que inspiravam os suspiros dos poetas, tendo seus corpos relacionados à formosura e prosperidade, no século seguinte, a obesidade começa a tornar-se um critério determinante de feiura, exigindo corpos leves, ágeis e rápidos. (DEL PRIORE, 2004).

Dessa forma, novas formas de controle sobre os corpos se impuseram, considerando-se, especialmente, os padrões de estética corporal dos séculos XX e XXI, como pode ser confirmado nos discursos sobre o corpo na atualidade, principalmente pelos novos avanços da biotecnologia:

Há uma tendência de reconstrução do corpo a partir de diversas práticas de intervenção, possibilitadas pelos avanços científicos e tecnológicos. Esse processo de reconstrução corporal promete “liberar” o corpo de antigos vínculos culturais e genéticos, mas o que se observa é a sujeição deste corpo a novas amarras: tecnológicas, culturais, políticas, econômicas e biológicas.⁵⁴

⁵³ Refiro-me novamente aos trabalhos de Calabresi (2004); Fernandes (2004); Corrêa (2005) e Vasconcelos (2005).

⁵⁴ Vasconcelos (2005, p. 19).

Punhos de aço, membrana entre os dedos, pernas e braços adaptados ajudam a dar outro tom ao desenvolvimento corporal. Dopping, introjeções tecnológicas, modificações genéticas: tudo isso confere códigos à eugenia, assumindo novas tendências e significados.⁵⁵

Nesse sentido, o século XX parece apropriar o sujeito para explorar o corpo conforme os seus desejos, modificando e intervindo, seja para eleger um novo rosto, seja para reconstruir todo um corpo, de repente com a mesma facilidade de quem decide obter qualquer objeto.

É certo que, a partir do século passado, os padrões ideais de beleza corporal propagados difundiram-se em todas as classes sociais, permitindo a nova fase democrática e mercantil da beleza. As normas, o conhecimento e as práticas de embelezamento passaram a destinar-se a um ideal estético feminino de magreza e juventude corporal⁵⁶.

A partir disso, compreendemos que definir padrões de beleza e universalizá-la é dar a ela estatuto de eterna e imutável, no entanto a beleza jamais foi algo absoluto e estável. Ela assume faces diversas segundo o período, a história e a sociedade. Conforme dito, de um corpo avolumado passa-se para um corpo magro e enxuto.

Notadamente, a busca pela estética corporal associada aos desejos em ter corpo magro, em muitos casos, pode levar a diversos transtornos psicológicos, como, por exemplo, anorexia e bulimia, distúrbios mais característicos no contexto feminino. No entanto percebe-se que esse ideal de beleza faz parte de uma minoria geneticamente favorecida.

Silva (2001a) apresenta dados que trazem uma reflexão acerca da reportagem da Revista Veja, em 1997, em uma pesquisa realizada na Universidade de Harvard. Essa matéria confirma que os transtornos alimentares referem-se em grande parte às mulheres, atrelados ao padrão estético de beleza.

⁵⁵ Silva, A. (2008, p. 13).

⁵⁶ Vasconcelos (2005).

Muitos são os sentidos que estão por trás da questão da magreza, em se tratando de mulheres, dentre eles, a reconstrução simbólica do papel da mulher no mundo, numa cultura dominada ainda pelo patriarcado, sendo:

A magreza uma promessa de superação da feminilidade doméstica e um caminho para se afirmar no mundo público, dada a admiração que ela provoca, inclusive como resultado da vontade, autonomia e rigor necessários à chegada nessa expectativa de corpo (SILVA, 2001a, p. 59).

Logo, a disseminação do corpo belo é baseada na magreza, de modo que, em sua maioria, a relação do corpo com as práticas corporais perpassa pela preocupação com o peso corporal, fundados a partir da expectativa que lhes são colocadas.

Nesse contexto, a autora supracitada afirma que os indivíduos são regidos para moldar seus corpos aos padrões de beleza vigentes, sendo cobrados por suas dimensões corporais e, ainda, para demonstrar capacidade de autodeterminação e força de vontade através das dietas e exercícios intensos.

Assim, em muitos campos de intervenção, a Educação Física parece, por meio das academias de ginástica e de musculação, trabalhar para que os corpos estejam bem delineados e dentro dos padrões vigentes.

A busca pelo padrão corpóreo tem sido massificada entre os diversos segmentos sociais e os diversos especialistas criados na contemporaneidade que trata da beleza do corpo. Aí se encontra o professor de Educação Física, que, ao atuar na perspectiva da padronização corporal em suas intervenções, **parece reviver, no presente, o adestramento e objetivação do corpo, tão fortes na história da área.**

De acordo com Marzano-Parisoli (2004), atualmente o corpo enxuto e tonificado aparenta para a sociedade um sinal de comportamento

regrado; já o corpo gordo e sem músculos é julgado com desprezo, pois indica falta de cuidado. Ainda segundo a autora, vivemos em tempos em que o corpo deve ser completamente magro, compacto, firme, recheado por formas metrificadas, com musculatura definida, jovem e sem marcas. Para tanto, vale ser cortado, emendado, mudado, bombado, enxertado, siliconizado, transformado, disciplinado e educado, objetivando um corpo “perfeito” a ser exibido.

Desde as imagens publicitárias até as novelas e filmes, somos cercados por uma concepção de beleza que nos remete, de uma forma ou de outra, a uma representação de um corpo perfeito, atlético, “sarado” e sem gorduras, “[...] por isso a gordura deve ser sempre queimada, a barriga eliminada, o tônus muscular recuperado e a flacidez corrigida.” (MARZANO-PARISOLLI, 2004, p. 31).

O quimérico do corpo na atualidade é um corpo completamente enxuto e jovem. Ser magro, esbelto, não basta; a flacidez, a gordura e as imperfeições devem ser corrigidas e eliminadas, pois a carne não deve se mexer, e o corpo deve ser firme, harmonioso e sem a presença das marcas do tempo.

Sobre isso, Ortega (2008) acrescenta:

Os estereótipos atuais contra os gordos, idosos e outras figuras que fogem do padrão do corpo ideal, têm o mesmo efeito estigmatizador e excludente. A obsessão pelo corpo bronzeado, malhado, sarado, lipoaspirado e siliconizado faz aumentar o preconceito e dificulta o confronto com o fracasso de não atingir esse ideal. (ORTEGA, 2008, p. 36).

Segundo o autor, o corpo, nessa obsessão de beleza ideal, é despojado de sua dimensão subjetiva, tornando-se um corpo construído a partir de um padrão identitário e imposto como belo a partir dos modelos vigentes na sociedade.

Entendemos, a partir disso, que os corpos atualmente se apresentam ajustados a uma conformação idealizada pelo próprio sujeito, como ressalta o discurso a seguir:

Podemos comparar o corpo a um tronco de árvore na mão do artista plástico. Ele trabalhará no material bruto e talhará até que ganhe formas diferentes da inicial, atraindo a atenção de todos para a nova imagem daquele material, mesmo que seja o corpo humano.⁵⁷

A busca pelo ideal corpóreo e a insatisfação com o próprio corpo implicou a incorporação da prática do exercício físico com fins estéticos no cotidiano do indivíduo.

Nesse sentido, os professores de Educação Física, combinados com nutricionistas e esteticistas, aparecem como aqueles que, junto às diversas intervenções no corpo, permitem que por meio da prescrição de exercício os indivíduos se adaptem ao modelo de beleza em vigência.

Entretanto, na busca pelo corpo belo vigente, não são utilizadas somente as práticas corporais, juntamente com estas, o uso indevido de suplementos alimentares, medicamentos e anabolizantes, objetivando aumento e definição muscular em curto prazo, reflete a maneira drástica como os homens vêm lidando com o próprio corpo, na promessa de possuir o corpo belo.

Sobre isso, Silva (2001a) esclarece que o cuidado com o corpo transformou-se numa ditadura, valendo utilizar-se de todos os aparatos científicos e tecnológicos que o mercado dispõe para que, de fato, as pessoas possam se enquadrar no modelo dito ideal.

Sendo assim, a atividade física torna-se um investimento auxiliar diante dos diversos meios que possibilitam manter o corpo atlético, pois os medicamentos e anabolizantes são utilizados como principal meio de alcance e definição muscular. Segundo Soares (2002a), os anabolizantes

⁵⁷ Calabresi (2004, p. 65).

deixam os consultórios médicos e conquistam adeptos interessados em obter musculatura de forma imediata, não importando os riscos decorrentes de seu uso indiscriminado, desde que se conquiste o corpo idealizado.

Nesse sentido, os padrões de beleza, as técnicas de manipulação, as intervenções corporais e os métodos cirúrgicos estão disseminados na sociedade como opções possíveis para adequar o corpo ao padrão de beleza:

A cirurgia plástica modifica as formas corporais ou o sexo, os hormônios ou a dietética aumentam a massa muscular, os regimes alimentares mantêm a silhueta, os piercings ou tatuagens dispensam os sinais de identidade sobre a pele. (LE BRETON, 2008, p. 28).

Na busca excessiva pelo corpo jovem, tonificado, sem imperfeições, sem gorduras e atlético, potencialmente arquitetado e construído pelo próprio homem, parece surgir uma nova forma de dualismo. Entretanto não mais o dualismo que opõe a alma ao corpo, mas sutilmente aquele que opõe o homem ao corpo, no sentido em que, diante das inúmeras possibilidades de intervenção corporal, modificando-se a aparência, o próprio homem é modificado. (LE BRETON, 2007).

No entanto, compreendemos que, embora tenhamos um arquétipo de corpo visto como ideal de beleza, não é possível se admitir a construção do corpo a partir de um único modelo, sobretudo diante de toda a diversidade e multiplicidade culturais espalhadas pelo planeta. Como acrescenta Silva (2001b), o integral domínio biológico e cultural do corpo humano lhe confere sua singularidade no mundo. Logo:

Temos, então, não um corpo, mas muitos corpos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta. Apesar disso, o corpo como organismo e elemento da natureza, também nos

atribui parte da condição humana e identidade da espécie. (SILVA, 2001b, p. 88).

Embora existam constituições biológicas e uma conformação específica que marquem corporalmente a espécie humana, elas jamais serão semelhantes. Principalmente no que se refere aos traços culturais e sociais que se interpenetram com a natureza do corpo humano.

Nesse contexto, fica evidente nas dissertações analisadas⁵⁸ a crítica e a não aceitação do pensamento do corpo a partir da padronização, destituído de sua singularidade humana.

Um dos autores⁵⁹ critica as determinações dos padrões corporais a serem perseguidos, reconhecendo o corpo em sua diversidade, sobretudo o uso que se faz dele e o modo de compreendê-lo. Nessa mesma linha de pensamento, em outro trabalho encontramos:

Tudo indica que estamos no território dos dilemas: como se sacrificar pela beleza sem sentir que apenas se está seguindo um mandato social que, por vezes, é até injusto?⁶⁰

Nesse cenário de problematização, essas dissertações apontam não somente para a singularidade do corpo humano, mas também para a necessidade de reconhecer que os padrões de beleza são, em sua maioria, inalcançáveis.

Conforme evidenciado em alguns trabalhos⁶¹, tanto no que se refere às constituições dos indivíduos, ao serem diferentes, como no que se refere aos aspectos genéticos e aos aspectos sociais, torna-se impossível especificar um único modelo de corpo a ser seguido. Sobre isso, outro autor destaca:

⁵⁸ Calabresi (2004); Fernandes (2004); Corrêa (2005) e Rigoni (2008).

⁵⁹ Rigoni (2008).

⁶⁰ Vigne (2007, p. 30).

⁶¹ Calabresi (2004) e Corrêa (2005).

Deve-se ter claro que o peso ideal é irreal, pois os indivíduos possuem constituições orgânicas diferentes, as medidas não podem ser padronizadas por escalas exatas, pois estaríamos desconsiderando toda a individualidade.⁶²

Nessa direção, acrescentamos o pensamento de Porpino (2003), ao comentar que um único modelo de beleza disseminado e imposto a ser seguido desconsidera a diversidade cultural e as singularidades sociais. Para ela, estabelecer um único modelo de beleza para se pensar a estética diante de uma imensa diversidade cultural é negar a cultura e a vida social dos indivíduos. Em suas palavras, ao falar sobre a vivência da beleza como vivência do sensível, diz: “[...] é urgente pensarmos a beleza como um campo aberto de sentidos, e não como uma vilã que dita regras e padrões inalcançáveis por muitos.” (PORPINO, 2003, p. 157).

O corpo é redefinido a cada instante. Ele se transforma, em um processo vivo, não se redimindo em limites físicos ou em imposições, mas aberto ao mundo, sendo capaz de criar e ser criado: “Através do corpo nos comunicamos com o outro e damos vazão à linguagem, enfatizando, então, a sua comunicabilidade.”⁶³

Nessa perspectiva, Merleau-Ponty, ao se debruçar na pintura, vendo e sendo levado por ela, traz-nos reflexões sobre o visível, o mundo e o ser. Ao falar sobre o corpo como conjunto complexo e indivisível, cujas experiências vividas transcendem toda e qualquer padronização, definição, descreve que:

O corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciante-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum

⁶² Calabresi (2004, p. 86).

⁶³ Vasconcelos (2005, p. 32).

acidente teria bastado para fazer [...]. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 18).

A partir dessa ideia, podemos compreender que o corpo não é um dado acabado, universal, pronto e naturalizado. Mas, ao ser inacabado e potencializador de vivências e experiências, é construído culturalmente. Assume diferentes contornos e significados, em função do tempo em que vive, do grupo ou da sociedade em que está inserido⁶⁴.

Esse pensamento aponta para um olhar para a beleza plural e compartilhada, que não se reduz a um modelo ordenado, planejado e pré-estabelecido, mas se mostra capaz de interagir modelos diversos, corpos diversos, articulando as inúmeras possibilidades que criam e recriam sentidos diversos para o corpo.

É verdade que temos vivido em um novo e um velho tempo, em um novo e velho mundo, com novos e velhos desejos, com novos e velhos desafios, com novos-velhos homens. Trata-se de uma nova progressão do homem, cuja subjetividade vem sendo construída, moldada, fabricada e consumida pelo mercado, pela indústria, pela sociedade e também pelo próprio homem.

Vivemos em um momento de corpos arquitetados e construídos pelos desejos humanos. O corpo e a beleza são fontes inesgotáveis de modificações e restaurações, e uma nova ordem é estabelecida padronizadamente pelos modelos de beleza.

Nesse sentido, alguns trabalhos dissertativos analisados⁶⁵ apontam para a problematização acerca dessa compreensão de corpo, pautados na relação de poder-saber, considerando a diversidade de intervenções para modificação corporal e aperfeiçoamento da aparência, tão característicos no mundo contemporâneo.

Se o corpo é o local onde as regras, normas e restrições da sociedade incidem, compreende-se que é o próprio corpo que transforma

⁶⁴ Fernandes (2004).

⁶⁵ Fernandes (2004); Vasconcelos (2005); Vigne (2007); Rigoni (2008) e Silva (2008).

e é transformado dentro desse contexto, seja por meio dos gestos, das posturas, das condutas, seja por meio da estética⁶⁶.

Ao corpo são atribuídos valores, crenças, conceitos e concepções, que determinam como o ser humano deve se enquadrar nas sociedades e nas culturas. Isso nos faz entender que as diferentes sociedades e as diversas culturas presentes em nosso planeta possuem formas de representação sobre o corpo e a beleza, que instituem um grupo social.

A partir disso, na nossa compreensão, as concepções de corpo e de beleza são envolvidas por relações de poder, pois os discursos não são “soltos”, mas estão amarrados em sentidos, em uma história social.

O corpo e a beleza estão presentes em nosso cotidiano, construídos, moldados e marcados pelo contexto de vida dos indivíduos, em que as trocas e escolhas pessoais são constantes, ou seja, construímos nosso próprio modelo de beleza, mas não há como negar que somos bastante influenciados nesse processo pelos discursos que nos cercam.

Isso pode ser evidenciado por Foucault (2006), ao falar que é no corpo que ocorrem os controles da sociedade e as relações de poder, não por ideologias “sobrevoadas”, mas por um discurso que reconstrói e amplia os conhecimentos. Logo, os acontecimentos, registros e vivências se inscrevem definitivamente no corpo.

Sobre isso esse autor (2002) explica que, em qualquer sociedade, o corpo está preso a poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Sendo assim, podemos pensar que o corpo não é apenas uma mera herança biológica ou um anexo do humano, que pode ser modificado em sua forma. Mas está situado no mundo dos sentidos, das significações, das relações e da história.

Dessa forma, entendemos que as concepções de corpo e de beleza estão pautadas em relações de poder. E, embora o corpo não seja totalmente aprisionado ou totalmente livre, possivelmente transita nesses

⁶⁶ Fernandes (2004).

paradoxos. De modo que os discursos, quando conferidos, estão ligados às relações históricas e culturais de uma sociedade.

É possível encontrar em alguns dos trabalhos investigados⁶⁷ essa ideia de que o corpo pauta-se em uma relação de controle e dominação, como forma de regular a própria identidade do indivíduo. Desse modo, mergulhado num campo político afirmado pelo autor, as relações de poder alcançam o corpo, marcando, dirigindo, suplicando, sujeitando e exigindo-lhe obrigações.

Assim, no processo de poder-saber, somos sujeitos participantes e ativos. E isso pode ser corroborado nas ideias de Foucault (2002), que, ao tecer reflexões sobre o corpo pautado em relações de poder como produtoras de campos de saber, afirma: “[...] o corpo é investido por relações de poder e de dominação.” (FOUCAULT, 2002, p. 25).

De fato, embora sejamos constantemente influenciados pelos discursos normatizadores que nos cercam, é preciso reconhecer que o ser humano, ao mesmo tempo em que é submetido aos valores que lhe são impostos, é capaz de criar e recriar saberes diversos para as verdades já instituídas.

Essas nuances podem ser expressas em Foucault (2006), como o poder que, ao mesmo tempo em que se exerce, cria mecanismos de fuga. Dialogando ainda com o autor supracitado, ao falar sobre a sexualidade, o discurso que se fala e se cala na vontade de saber sobre o sexo pode tomar como referência o corpo e a beleza, que tal como o sexo perpassam sobre discursos de poderes. Quanto a isso, ele afirma que “[...] os discursos [...] nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele [...] o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (FOUCAULT, 1998, p. 111-112).

Portanto, no corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam,

⁶⁷ Fernandes (2004); Vasconcelos (2005); Vigne (2007) e Silva (2008).

encontram-se facilmente sinais do alvo de poder. No entanto, um poder que não é unilateral. Assim, o corpo dócil, denominado por Foucault (2002), que pode ser submetido, utilizado, transformado, modificado e aperfeiçoado. Ao mesmo tempo, é capaz de criar saberes diversos, pois se, por um lado, o poder é exercido sobre ele, por outro lado, ele resiste, luta e cria novos saberes sobre aquilo que lhe é imposto.

Nesse processo, não somos meros receptores ou simplesmente passivos. Nós interagimos com o meio constantemente, possibilitando que inventemos e reinventemos aquilo que nos é proposto.

Destarte, faz-se necessário compreender o corpo para além de seus limites, controles e configurações biológicas. A essa questão o autor supracitado chamou de “tecnologia política do corpo”. Para ele:

“[...] isso quer dizer que pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-la.” (FOUCAULT, 2002, p. 26).

Nessa perspectiva, esse binômio poder/saber aparece em relação de atuação recíproca, em que o poder produz o saber e este reproduz o poder, como clarifica Foucault (2002):

Temos antes que admitir que o poder produz saber; que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relações de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (FOUCAULT, 2002, p. 27).

Logo, no que se refere aos padrões estéticos, apesar de ser imposta uma maneira de perceber a beleza, entendemos que nossa concepção sobre o belo irá depender, entre outras coisas, de tudo aquilo que experienciamos ao longo da vida. Portanto essas imposições não são mão

única, mas, ao contrário, são ressignificadas pelas particularidades do sujeito e pelos filtros de seus valores e concepções.

O corpo tem um importante papel na sociedade, ganhando contornos e destaque nunca visto antes, sendo valorizado principalmente quando se está dentro dos padrões estéticos, como podemos observar em alguns trabalhos analisados⁶⁸.

A Educação Física, ao longo da história, sempre esteve ligada ao objetivo de transformar os corpos, de modelá-los e enquadrar os indivíduos nas concepções estéticas preconizadas em cada época, perpassando pelos modelos tecnicistas, higienista e militarista que estão presentes na história da área.

Nesse sentido, compreendemos que, independentemente da vertente, os modelos que marcam a história da Educação Física sempre expressaram o desejo de transformação dos corpos, bem como a modelagem de suas formas.

A área traz consigo concepções de corpo pautadas pela formação estética e ideais de beleza atreladas às práticas corporais, traduzidos em corpos retos, esguios, esbeltos e harmoniosos. Uma concepção clássica de beleza que se impõe como modelo no mundo grego através do deus Apolo e ganha forças nas artes com o Renascimento. (PORPINO, 2003).

Com um olhar atento ao longo da história da Educação Física, podemos perceber que formas diversas de concepção acerca do corpo foram sendo construídas, especialmente relacionadas ao Movimento Ginástico Europeu. Esse movimento de origem nas relações cotidianas de festas populares, espetáculos de circo e de rua, de exercícios militares e outros passatempos da aristocracia, configura-se, de um modo geral, a princípios de ordem, disciplina e estética. (SOARES, 2002b).

Segundo essa autora, das práticas criativas e lúdicas, configuradas pelo lazer e entretenimento, extrai-se aquilo que poderia servir aos princípios de uma atividade, uma possibilidade de educação, baseada em

⁶⁸ Almeida (2005); Vigne (2007); Silva, A. (2008).

pressupostos científicos, técnicos e políticos, restringindo o corpo aos aspectos utilitários e educativos.

Nesse sentido, podemos compreender que a ginástica se afirma como parte da educação dos indivíduos, mais especificamente uma educação do corpo, pautada pelos aspectos do controle, da robustez, da disciplina, do alinhamento e da higiene, moldados e adequados do ponto de vista médico, ortopédico e estético. (SOARES, 2002b). De modo geral, disseminava-se a ideia de modelagem e estética do corpo, em que todos deveriam se adequar ao modelo e padrão instituído como ideal na sociedade.

Dessa maneira, os exercícios físicos atrelados à beleza aparecem por meio dos treinamentos, dos aparelhos ortopédicos e do uso de espartilhos, estando vinculados à Educação Física há bastante tempo, como assegura Porpino (2003):

As preocupações com a formação estética e com a beleza estão explicitamente vinculadas ao corpo e aos gestos técnicos que esse corpo realiza nas práticas ginásticas, esportivas, dentre as outras que compõem o arsenal da Educação Física [...] Apesar de pouco discutida no campo acadêmico, a relação entre Educação Física e estética é bastante antiga, basta que retomemos o Movimento Ginástico Europeu no XIX. (PORPINO, 2003, p. 148).

Desse modo, a relação entre corpo, beleza e exercício físico presente no movimento ginástico francês estava associada a uma educação do gesto e harmonia dos movimentos, como afirma Soares (2002b, p.111) a partir das obras de Demeny, “[...] a harmonia traz a beleza. Um movimento não é belo se não é correto, preciso ou bem definido.”

De acordo com a autora supracitada, a beleza aparece na obra de Demeny como consequência de uma dada disciplina, em que o exercício físico possui um lugar privilegiado, devendo ser belo e expressar a harmonia geral do corpo.

Dessa forma, o corpo, para ser considerado belo, deve estar ligado aos exercícios realizados de maneira harmoniosa e correta. O belo nessa concepção se configura a partir da prática de exercícios físicos, ou seja, “[...] uma educação do gesto implícito nas formas a serem obtidas através dos exercícios físicos executados corretamente.” (PORPINO, 2003, p. 149).

Desse modo, a Educação Física como área relacionada às práticas corporais é vista como uma atividade formadora dos corpos, quer no sentido da saúde, quer no sentido estético.

Aliado a esse pensamento que perpassa socialmente a área, o profissional de Educação Física, muitas vezes, divulga de forma acrítica a relação corpo e beleza, ao fundamentar e desenvolver suas ações pedagógicas apenas na perspectiva da estética enquanto padrão idealizado de corpo. E isso pode ser destacado nesse discurso:

É válido admitir que o professor de Educação Física precise de uma aparência compatível com a função que desempenha na academia [...] O *personal trainer* deve estar ciente de que sua habilidade para orientar passa pela sua capacidade de demonstrar movimentos, de passar credibilidade de que domina as minúcias do movimento, de que experimentou (fisicamente) os exercícios.⁶⁹

Sobre isso, cabe destacar que o profissional de Educação Física é propenso nessa relação corpo e beleza, sobretudo em sua profissão, a exemplo do discurso a seguir:

O professor está exposto na função de *personal trainer* a ter o seu trabalho mensurado pelos atributos estéticos que possui [...] Numa sociedade em que a imagem desempenha um papel potencializador [...] cabe ao professor de Educação Física interessado em trabalhar com *personal trainer* decidir se está

⁶⁹ Almeida (2005, p. 141).

preparado para atender a essa exigência do meio das academias.⁷⁰

Nessa direção, a competência profissional na área parece estar imbricada à aparência física. Como acrescenta Chaves (2009), é na exaltação do professor saradão, grandão, forte e bonito que os indivíduos na Educação física gozam de um passaporte que lhes agrega *status* e ampliação da circulação social. Em suas palavras, “[...] a percepção da forma corporal integrada à competência profissional exclui do mercado um grande número de pessoas que não se enquadram neste perfil.” (CHAVES, 2009, p. 186).

A autora supracitada, ao investigar a cultura corporal de futuros professores de Educação Física do estado do Rio de Janeiro, constata que a maioria dos estudantes participantes de sua pesquisa chegou à graduação já fazendo uso de esteroides anabolizantes, especialmente os que enfatizam praticar musculação. Nessa busca pelo corpo perfeito, em sua relação com a Educação Física, Chaves (2009), admirada, afirma:

A ambiência do curso de Educação Física não parece deflagrar ou mesmo estimular a utilização dos esteróides anabolizantes, embora encontremos um fértil imaginário de normalização desta prática. (CHAVES, 2009, p. 236).

Não obstante, observa-se que socialmente a área está atrelada a ambientes que possibilitam intervenções na aparência corporal, como, por exemplo, academias, *spas* e clínicas de estética. Do mesmo modo, uma representação de corpo é veiculada aos bons profissionais, ou seja, o corpo como uma espécie de “currículo”, ao relacionar boa forma à qualidade profissional.

Portanto podemos dizer que a Educação Física, por vezes, ainda parece imbuída da fantasia da imagem perfeita, principalmente como

⁷⁰ Almeida (2005, p. 143).

potencializadora a enredar esse imaginário do corpo perfeito. Ao contrário, compreendemos que a linguagem sensível do corpo configura possibilidade de outro arranjo da beleza, expresso nas imperfeições, deficiências, desordens e discrepâncias.

Essa perspectiva estética aponta outro olhar para o corpo ao ampliar a compreensão de beleza para além da padronização das formas corporais.

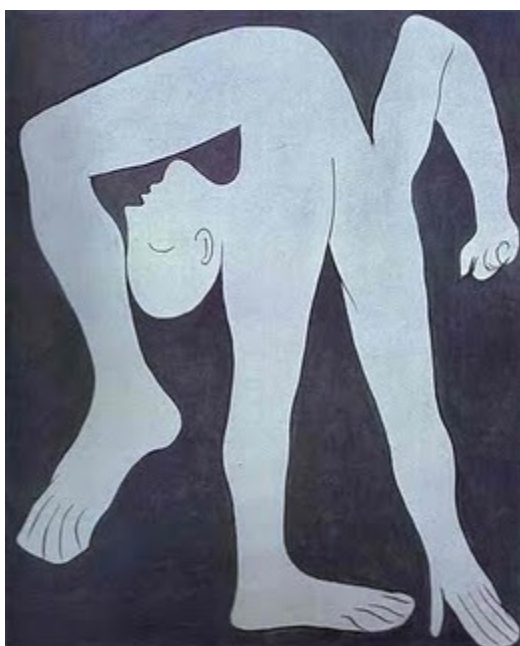


Imagem 08: O acrobata de Picasso, 1930.

Fonte: Picasso web

Essa compreensão nos remete ao quadro O Acrobata, de Pablo Picasso, conforme é possível evidenciar na imagem 08. Essa pintura não tem ordem, forma metrificada, tampouco equilíbrio e harmonia das formas. Ao revés, suas formas parecem desarticuladas, incompletas, desordenadas e falhas.

Sua beleza se constitui no grotesco, na desmedida e no desalinhamento de um corpo que conjuga, entre outras coisas, desarmonia como condição de existência. Nessa direção, sobre O acrobata, acrescenta Mendes (2006): “[...] a sua harmonia corpórea ocorre na possibilidade de se desordenar, de gozar de plasticidade e na reaproximação do ser humano com sua animalidade.” (MENDES, 2006, p. 128).

De fato, ao contemplarmos essa obra de arte, favorecidos pela indicação de Mendes (2006), somos levados por suas marcações, desconstruções, em que o reto e as distorções se permutam, confundindo todas as categorias de corpo. Aqui, o corpo humano se libera das coerções e das limitações dos modelos, as palavras de ordem e de perfeição perdem a sua virtude, como se não houvesse outros modelos, senão o

que o próprio corpo decide ser, despojando qualquer norma e padrão. Ela suspende a visão da perfeição e revela diferentes ordens sobre as quais o corpo pode se instalar.

Esse conhecimento sensível, que se inscreve no corpo de O acrobata, convida-nos a pensar na beleza como fonte de incertezas e contradições. A beleza como campo aberto aos sentidos e como fonte inesgotável de significações, vivenciada nas múltiplas relações que envolvem o homem e o mundo.

Compreendemos que é nessa direção que a Educação Física deve transitar, sem submeter-se a preceitos e a códigos fechados, mas sendo capaz de lançar outras possibilidades para a contemplação da beleza, haja vista os padrões estéticos, enquanto proposições, não poderem substituir a experiência da beleza enquanto uma vivência sensível e arrebatadora.

Pensamos que a Educação Física pode contribuir para um olhar crítico frente aos valores que permeiam a sociedade, frente às constantes mudanças nos conceitos de beleza, possibilitando outros sentidos nas questões relativas ao corpo, à estética. A partir disso, poderá questionar os sacrifícios e as formas de modificação corporal a que os indivíduos submetem-se, para se adequarem ao modelo de beleza vigente na sociedade.

Tendo em vista que a sociedade pode influenciar de maneira significativa a visão de corpo e de beleza, é necessário que a Educação Física, como área de conhecimento que se relaciona com essas questões, possibilite intervenções numa perspectiva crítica, tendo como referência a necessidade de produzir diversos olhares para a beleza, para além do conceito clássico imposto como modelo na sociedade.

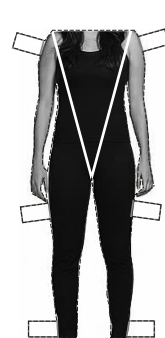
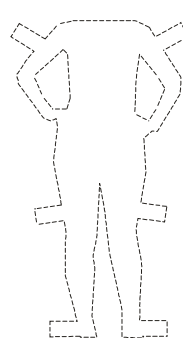
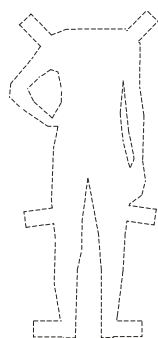
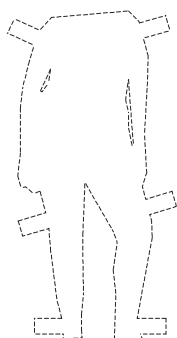
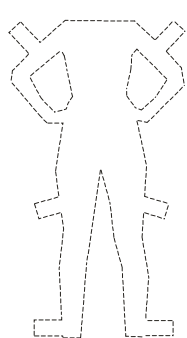
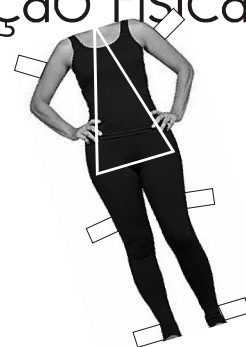
Para tanto, entendemos que os professores da área constituem parte fundamental para que esses discursos, ao chegarem aos campos educacionais, possibilitem diálogos e reflexões acerca do corpo e da beleza, a fim de produzir indivíduos críticos frente aos sentidos corporais que permeiam na sociedade, capazes de enxergar o belo, presente nos

gestos simples, nas formas destorcidas, no corpo imperfeito, nas histórias, na vida, na unidade e na complexidade dos corpos, compreendendo-o no imbricar do sensível com o sentido, do que é visto e ao mesmo tempo visível. Afinal, a beleza é, antes de tudo e após tudo, contemplação da vida e modo de existência.

“Em ciência, não podemos nos vangloriar de chegar, pelo exercício de uma inteligência pura e não situada, a um objeto livre de qualquer vestígio humano e exatamente como Deus o veria. Isso em nada diminui a necessidade da pesquisa científica e combate apenas o dogmatismo de uma ciência que se considerasse saber absoluto e total. Isso simplesmente faz justiça a todos os elementos da experiência humana e, em particular, à nossa percepção sensível.”

Maurice Merleau-Ponty.

Reflexões Finais: O Corpo e a Beleza na Educação Física



As análises aqui trazidas para reflexões acerca do corpo e da beleza não têm o sentido de ponto final ou término de um processo investigativo, mas um início de inúmeras reflexões e novas inquietações sobre o fenômeno estudado.

Compreendemos que o processo de construção do conhecimento enquanto procedimento investigativo, crítico e reflexivo estará sempre sujeito a novas interrogações e constantes reorganizações, que são próprias do inacabamento do conhecimento.

Dizemos isso, pois, ao escrevermos estas linhas, não temos a pretensão de dar respostas às indagações que ainda emergem neste momento. Queremos, sim, convidar o leitor para mais um diálogo, para, quem sabe, apresentarmos algumas possibilidades, já que as considerações aqui apresentadas constituem, dentre tantas outras possíveis, apenas um olhar sobre o corpo e a beleza, situado em um espaço-tempo específico.

Nesse contexto, pensando no inacabamento do conhecimento e na sua contínua necessidade a novas reflexões e questionamentos, acreditamos na contribuição epistemológica deste trabalho, ao ampliar a relação entre corpo e beleza na Educação Física, na medida em que aproxima os espaços acadêmicos e o cotidiano, confirmando a ressignificação da área no que se refere às concepções de corpo e de beleza, numa dimensão corpórea e aprendizado sensível.

Compreendemos que, embora a produção analisada não represente a área como um todo, os discursos sobre o corpo e a beleza presentes nela nos fornecem elementos significativos para perceber que elas imputam a compreensão de que o conhecimento sobre o corpo avançou na Educação Física. E que os discursos outrora pautados na objetivação e no determinismo humano aparecem como referenciais históricos da área, que podem ser amplamente questionados e redimensionados.

Dessa forma, no campo de significações desvendado pelo corpo e pela beleza na Educação Física, expõe-se um leque de sentidos conferidos a esses fenômenos, a partir da construção de saberes que perpassam o conhecimento epistemológico da área.

Entendemos que interrogar o corpo e a beleza é mexer em um vasto caminho de significações, construções e apreciações com a inerência humana de apreender as coisas do mundo através da sensibilidade e linguagem corpórea.

Nessa direção, nos debruçamos sobre a produção acadêmica da Educação Física, para analisá-la em sua familiar relação com o corpo e a beleza na perspectiva de identificar e discutir os sentidos delineados historicamente na área.

Para operarmos tal tarefa, partimos das compreensões de corpo, natureza e cultura presentes nos trabalhos analisados, refletindo sobre o corpo em dois polos constituintes e indissociáveis: natureza e cultura.

Com base nas dissertações analisadas, constatamos que as concepções de corpo e de beleza discutidas atualmente na Educação Física são permeadas por reflexões que compreendem o corpo também pela sua condição cultural, apresentando a cultura como um elemento imprescindível para a compreensão do corpo.

A produção acadêmica da Educação Física apresenta e reconhece a cultura como via de acesso necessária para o conhecimento humano. Desse modo, o homem não é entendido isoladamente, mas como um tecido marcado pelas coisas do mundo, instituindo níveis de ordem simbólica, transformando o entorno, criando e recriando culturas.

Nos trabalhos investigados, o corpo aparece como evidência da existência humana, constituído por uma dimensão de sentidos e valores conferidos no mundo.

O conhecimento sobre o corpo, nesse sentido, não é visto apenas como um mero receptor isolado do mundo, pois, como corrobora Nóbrega (2008), o corpo é feito do mesmo estofado do mundo. Logo, o homem, nos

discursos investigados, está pautado na condição de sujeito de uma cultura representada por um leque de signos e símbolos dentro de uma sociedade, sendo também reconhecido como cultural.

Desse modo, pensando na imanência entre natureza e cultura presente na existência humana, o fenômeno corpo atuando no mundo da experiência vivida revela e engloba singularidades sobre a aparência e a estética como uma experiência sensível, aberta e inacabada.

Nesse sentido, os trabalhos investigados afirmam que as concepções de beleza são determinadas pelos valores e códigos de um grupo social, embora os sujeitos apresentem possibilidades diversas para o belo, advindas de experiências já vividas.

Percebemos, também, nas dissertações analisadas, que o corpo humano é reconhecido por sua inscrição biológica e cultural, e que suas escolhas, além de serem pautadas por contextos sociais, expressam sentidos diferenciados.

O entrelaçamento entre os códigos biológicos e culturais são evidenciados nas discussões como próprio da dimensão corpórea. Os autores reconhecem que a vida humana não se reduz aos condicionantes biológicos, tampouco aos condicionantes culturais. Ao contrário, apontam a ideia de ruptura entre o biológico e o cultural, bem como do determinismo só natureza ou só cultura, reconhecendo o corpo humano como biocultural, em que natureza e cultura constituem a existência humana num processo imanente e ininterrupto, pois ambos são codependentes.

A partir disso, a beleza é apresentada como ideia inacabada, inesgotável e indefinida, numa dialética entre o sensível e aquele que vê. O belo não é encontrado nos objetos ou pautado em conceitos definidos, mas numa vivência imbricada pela contemplação e vivência do sensível.

Foi possível observar, ainda, nos trabalhos analisados, as transformações nos conceitos e nos modelos de beleza, sendo esta desenhada por mecanismos de poder-saber que são incididos nos corpos.

Isso porque os ideais de beleza que preponderam na sociedade têm conferido prestígio social, especialmente para os profissionais de Educação Física.

Na produção analisada, foi possível perceber que o corpo e a beleza nos dias atuais estão fortemente atrelados a um padrão corpóreo jovem, longilíneo, saudável e com músculos delineados. Nesse sentido, a discussão em torno desse padrão a ser seguido é vista como relativa e transitória, diante das inúmeras formas criadas e vivenciadas na história, no que se refere à beleza.

Sendo assim, as dissertações apontam para a necessidade e a efemeridade dos padrões corpóreos. Devendo-se considerar que a visão da beleza não pode ser reduzida ao clássico como única referência, uma vez que muitos são os ideais de belo propagados na sociedade, conforme dito, do gordo ao magro, do magro ao enxuto, ideais sempre inacabados e em constantes mutações.

Diante disso, percebemos nos trabalhos o pensamento e a compreensão da beleza em múltiplas possibilidades de sentido na apreciação estética do corpo, que, certamente, não comungam com uma ideia unilateral.

Observa-se, ainda nos textos, a não aceitação da ideia em ter-se um único modelo, mas múltiplos sentidos para a contemplação do belo, já que esses ideais são, em sua maioria, inatingíveis. Isso porque os discursos enfatizam o corpo humano enquanto inscrição biológica e simbólica, compreendem que ele possui singularidades diante do seu entorno, pois ao mesmo tempo que é só, não vive sem os outros, o que constitui o homem como um ser coletivo e também individual.

Esse pensamento aponta uma possibilidade para a beleza como sensível e múltipla, alcançando todos os corpos e, à sua maneira, criando novas formas de ser belo.

Ainda no que se refere aos textos, outra concepção de corpo e beleza é encontrada, e esta se refere aos mecanismos de poder-saber que são inscritos no corpo, como forma de controle e também de subversão.

Nas reflexões, o ideal de belo valorizado na sociedade, a saber, o corpo enxuto, magro e longilíneo, tem impelido muitos indivíduos à busca de adequação de seus corpos aos padrões vigentes instituídos. Entretanto, mesmo diante dessa submissão, compreendem que o corpo subverte e recria outras formas de beleza, que atravessam as fronteiras criadas para ele.

Nessa direção, entendem que o poder cria saberes, já que no poder-saber há uma via de mão dupla, de modo que, para o poder existir, necessita-se da resistência e da luta. Tal como reflete Foucault (2006), o poder disciplinar não é apenas repressivo ou ostensivamente repressor, mas ele, sutilmente, realiza movimentos que redundam em composição e transformação.

Esse conhecimento apresentado nos trabalhos demonstra que o corpo transcende e experimenta diversas belezas para além das normas pré-estabelecidas de concebê-lo, subvertendo as convenções, nutrindo e mergulhando em recintos nunca antes experimentados, fazendo e refazendo-se sem findar.

Diante disso, percebe-se que, quando se fala em beleza, há inicialmente uma compreensão fortemente atrelada a um determinado padrão corpóreo, a saber, enxuto, magro e jovem. Esse ideal de corpo, de acordo com as discussões, apresenta grande visibilidade na sociedade, propagando-se em todos os espaços ditados pela indústria da moda e pelas necessidades de mercado.

Nesse sentido, reconhecem que os profissionais de Educação Física parecem impelidos a enquadrar-se no modelo de corpo idealizado e difundido.

A análise mostra que o profissional de Educação Física tem sua capacidade profissional relacionada às formas corporais que possui, além

de serem vistos como responsáveis na obtenção e manutenção da lógica social do corpo belo.

Compreende-se, nos discursos analisados, que no contexto da Educação Física, apesar de não determos a exclusividade sobre o trabalho com o corpo, outras áreas de conhecimento também detêm esse poder e conhecimento. Entende-se que a área lida com o corpo por excelência, seja através das pedagogias corporais, seja por meio da cultura de movimento.

Assim, nesse cenário em que a sociedade é estimulada a ter o corpo dentro dos padrões estéticos vigentes, compreende-se que mesmo que o professor de Educação Física se depare em seus ambientes de trabalho com a disseminação de um ideal de corpo a ser seguido, faz-se necessário, cada vez mais, que esse profissional contraponha em suas práticas educativas a idealização desse corpo perfeito.

Dessa maneira, foi possível observar que a compreensão do corpo e da beleza na área vem sendo ressignificada ao admitir outras concepções estéticas de belo, sobretudo relacionadas às singularidades expressas no corpo humano e na cultura em que o indivíduo está inserido, o que representa o avanço ocorrido na área no trato do conhecimento do corpo.

Compreendemos que o corpo e a beleza, conforme já dito, são fontes inesgotáveis de investigação em diversas áreas de conhecimento. Nesse sentido, as reflexões desta dissertação, diante dos seus limites, entre eles não conseguir três trabalhos do corpus de análise previsto, abrem espaço para que novas pesquisas possam mostrar e ampliar o que foi escrito nesta.

As lacunas nos processos investigativos nunca cessarão, e, no nosso caso, há muito ainda a ser investigado, especialmente no que se refere à produção científica da Educação Física. Analisar os discursos sobre o corpo e a beleza nas teses de doutorado na área poderá se tornar perfil para outros trabalhos acadêmicos da área, por exemplo.

Diante disso, este trabalho poderá fornecer subsídios férteis para outros pesquisadores que têm o corpo e a beleza como fonte de investimentos e inquietação no campo da Educação Física.

No sentido de dar continuidade ao trajeto de pesquisa iniciado na graduação e ampliado no Mestrado, pretendo continuar investigando as relações entre corpo e beleza como possibilidade de contribuir para a discussão de base estética já iniciada no âmbito da Educação Física.

Para ampliar e aprofundar as pesquisas realizadas, tenho como objetivo pesquisar, em nível de doutorado, a dimensão estética da experiência vivida e suas relações com as produções acadêmicas da área. A pesquisa se configurará em torno do mundo vivido de sujeitos pesquisadores em sua relação com as referências de corpo e beleza presentes nas suas produções científicas. Defendemos a proposição de que as concepções de corpo e de beleza presentes nas teses de doutorado da Educação Física sejam configuradas a partir das experiências estéticas de seus autores em sua relação com as intervenções, reflexões e vivências propiciadas pela própria área de Educação Física.

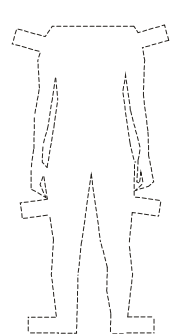
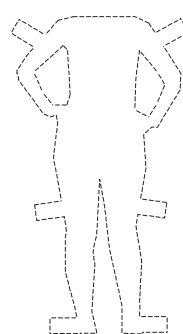
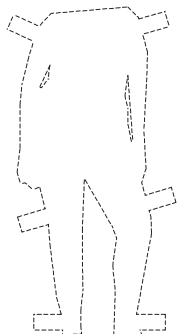
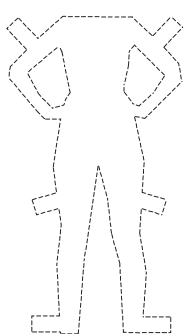
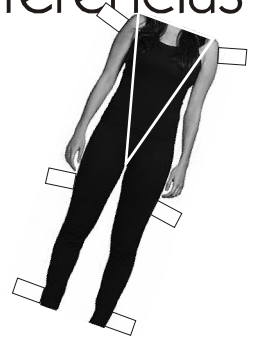
Para traçarmos essa argumentação, o enfoque da tese será de natureza teórico-filosófica, tendo Maurice Merleau-Ponty como referência principal para pensarmos as experiências vividas pelos pesquisadores, bem como discutir as questões relacionadas ao corpo e à beleza, na interseção entre o vivido e o produzido como discurso da área de Educação Física.

Diante do exposto, temos certeza de que este trabalho investigativo não finda por aqui, uma vez que qualquer pesquisa ou leitura que fazemos de um fenômeno é sempre parcial e inacabada. Portanto, longe de produzir verdade, certeza e acabamentos diante do conhecimento sobre o corpo e a beleza.

Certamente, esta pesquisa apenas elucidou algumas questões e enfoques sobre o tema aqui proposto. A partir disso, reafirmamos a contínua tarefa e desafio da Educação Física diante da temática exposta.

Não que sejamos os únicos nesse trabalho, mas que possamos propagar o belo para além das efemeridades dos padrões, e quem sabe, continuar alcançando sentidos sensíveis para o corpo e para a beleza.

Referências



ALIMENTOS, carne crua ou podre. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_t2sqbyvWbyA/Rvv0zmvvGjI/AAAAAAAAABuU/fXJiZoiX2IM/s400/menina+lobo.jpg>. Acesso em: 27 de dez. 2010

ANDANDO pela floresta. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_t2sqbyvWbyA/Rvv1rGwvGmI/AAAAAAAAABus/ZxdC9cEqQVs/s400/meninas+lobas3.jpg>. Acesso em: 27 dez. 2010

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

CAMINHANDO em quatro apoios. Disponível em: <http://lh5.ggpht.com/_jftDefY2b28/SrvyTuFDS4I/AAAAAAAAABaM/c9TuX6A_3lA/meninas%20lobas_thumb%5B3%5D.jpg>. Acesso em: 27 dez. 2010.

CAVALCANTI, Loreta Melo Bezerra. **Beleza e poder na Ginástica Rítmica**: reflexões para Educação Física. 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

CHAVES, Simone Freitas. **No labirinto dos espelhos**: o corpo e os esteróides anabolizantes. Niterói: Nitpress, 2009.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Visa à melhoria da pós-graduação brasileira, através de avaliação, divulgação, formação de recursos e promoção da cooperação científica internacional**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

COMENDO e bebendo como animais. Disponível em: <<http://www.acemprol.com/download/file.php?id=10451>>. Acesso em: 27 dez. 2010.

DANTAS, Eduardo Ribeiro. **A produção biopolítica do corpo saudável:** mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação. 2007. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

DEL PRIORE, Mary. Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil. In: STREY; ABEDA (Org.). **Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.255- 266.

Dina Sanichar, encontrado em 1867 na companhia de lobos. Disponível em: <<http://curadamente.blogspot.com/>>. Acesso em: 27 dez. 2010.

DUFRENNE, Michel. **Estética e Filosofia**. Tradução Roberto Figurelli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução L. Sampaio. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Texto original publicado em 1971).

_____. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Tradução M. Albuquerque e J. Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. (Texto original publicado em 1976).

_____. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramalhet. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Texto original publicado em 1975).

_____. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. (Texto original publicado em 1979).

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.

HÁBITOS semelhantes aos dos lupinos. Disponível em: <http://lh3.ggpht.com/_pu5WJf36Ins/Ss3U4qgv09I/AAAAAAAAA_4/ZD5G8r6fc1Q/doc-41_thumb.jpg?imgmax=800>. Acesso em: 27 dez. 2010.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução S. Fuhrmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução M. Appenzeller. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.

_____. **Paixões Ordinárias**. Luís Alberto Salton Peretti. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Lévi-Strauss, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução Mariano Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. (Texto original publicado em 1949).

_____. **Tristes trópicos**. Tradução Rosa Freire Aguiar. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Texto original publicado em 1955).

LIMA, Lana Ferreira de et al. A evolução da Pós-graduação Stricto-sensu em Educação Física no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 58., 2006, Florianópolis.

Anais eletrônicos... São Paulo: UFSC, 2006. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

MARTINS, Carlos José. **Corpo e cultura**: a propósito de uma grande saúde. 2010. Palestra realizada na TV cultura, no café **Filosófico CPFL** em 7 mai. 2010. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/site/2010/07/21/corpo-e-cultura-a-proposito-de-uma-grande-saude-carlos-jose-martins-com-a-presenca-do-curador-andre-martins-2/>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o Corpo**. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. **Body art, existência e conhecimento**: a percepção do corpo na Educação Física. 2005. 110 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MELO, José Pereira. Prefácio. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). **Escritos sobre o corpo**: diálogos entre arte, ciências, filosofia e educação. Natal: EDUFRN, 2009. p. 9-11.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. **Corpo e Cultura de Movimento**: cenários epistêmicos e Educativos. 2002. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

_____. **Mens Sana in Corpore Sano**: compreensões de corpo, saúde e Educação Física. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação física. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 1-17, Set./Out./Nov./Dez. 2004.

Merleau-Ponty, Maurice. **Conversas**. Tradução F. Landa e E. Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. (Texto original publicado em 1948).

_____. **O olho e o espírito**. Tradução P. Neves e M. Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004b. (Texto original publicado em 1966).

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Texto original publicado em 1945).

MICHAUD, Yves. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo**. As mutações do olhar. O século XX. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução E. Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpos de tango: reflexões sobre gestos e cultura de movimento**. In: LUCENA, Ricardo; SOUZA, Edílson (Org.). **Educação Física, esporte e sociedade**. João Pessoa: UFPB, 2003.

_____. **Corporeidade e educação física** – do corpo objeto ao corpo sujeito. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2005.

_____. **Corpo e epistemologia**. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: UFPB, 2006.

_____. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte e a inexatidão da verdade. **Revista Cronos**, Natal, v. 9, n. 2, p. 393-403, jul./dez., 2008.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamound, 2008.

PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique. **Uso de esteróides anabólicos-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 75-92, set. 2005.

PICASSO, Pablo. **O acrobata**. Disponível em: <http://lh3.ggpht.com/constalves/R_ArONcaiYI/AAAAAAAAAH4/vgbZNSDc v3A/acrobat_picasso%5B2%5D.jpg>. Acesso em: 4 jan. 2011.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Interfaces entre corpo e estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física**. In: LUCENA, Ricardo; SOUZA, Edílson (Org.). **Educação Física, esporte e sociedade**. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 145-160.

_____. **Dança é educação.** Interfaces entre corporeidade e estética. Natal: EDUFRN, 2006.

PROSTRADAS no chão. Disponível em: <<http://www.acemprol.com/download/file.php?id=3603>>. Acesso em: 27 dez. 2010

SANT'ANNA, Denese Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, Ciência e Mercado:** reflexões a cerca da gestação de um novo tipo arquétipo da felicidade. Campinas: Editores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001a.

_____. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001b.

SILVA, Ivana Lúcia da. **A construção do corpo feminino na cultura olímpica.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

SILVA, Liege Monique Filgueiras da. **Corpo e Beleza:** uma análise das práticas discursivas em estudantes de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008. 92 f. Monografia (Graduação em Educação Física) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo, prazer e movimento.** São Paulo: SESC, 2002a.

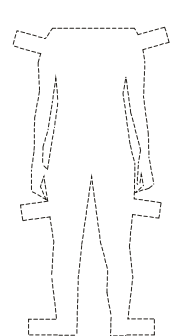
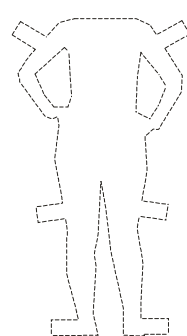
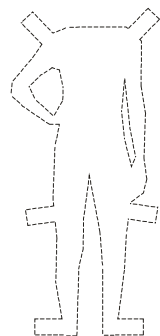
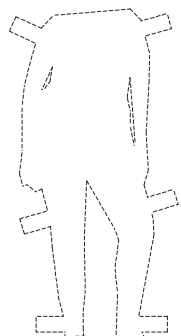
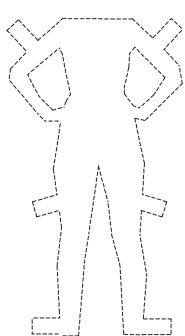
_____. **Imagens da educação no corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XXI. Campinas: Autores associados, 2002b.

_____. **Educação física:** raízes européias e Brasil. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 2 (41), p. 21-29, maio./ago., 2003.

_____. **A história da beleza.** (L. Schlafman, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Produção Analisada



ALMEIDA, Sebastião Ferreira. **O primado da visualidade**: a estética como critério de escolha do personal trainer por alunos homossexuais. 2005. 267 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

CALABRESI, Carlos Augusto Mota. **Com que corpo eu vou?** A beleza e a performance na construção do corpo midiático. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

CORRÊA, Claudia Xavier. **Os significados da ginástica em mulheres trabalhadoras assistidas pelo centro de difusão cultural em Juiz de Fora**. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Rita de Cassia. **Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia**: corpo, saúde e envelhecimento. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino**. Implicações para a Educação Física escolar. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, André Luiz. **A perfeição expressa na carne**: A Educação Física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VASCONCELOS, Renata Veloso. **As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física**: que estética é essa? 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

VIGNE, Joana Angélica de Pereira. **Beleza feminina**: da academia para o trabalho: o padrão atual das mulheres da rocinha. 2007. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.